

P653



# REVISTA DO NORTE

LITERATURA, HISTORIA, ARTES E OFICIOS

SERIE III - ABRIL DE 1942 - NUMERO 1



PERNAMBUCO. BRASIL

# **Livros Grátis**

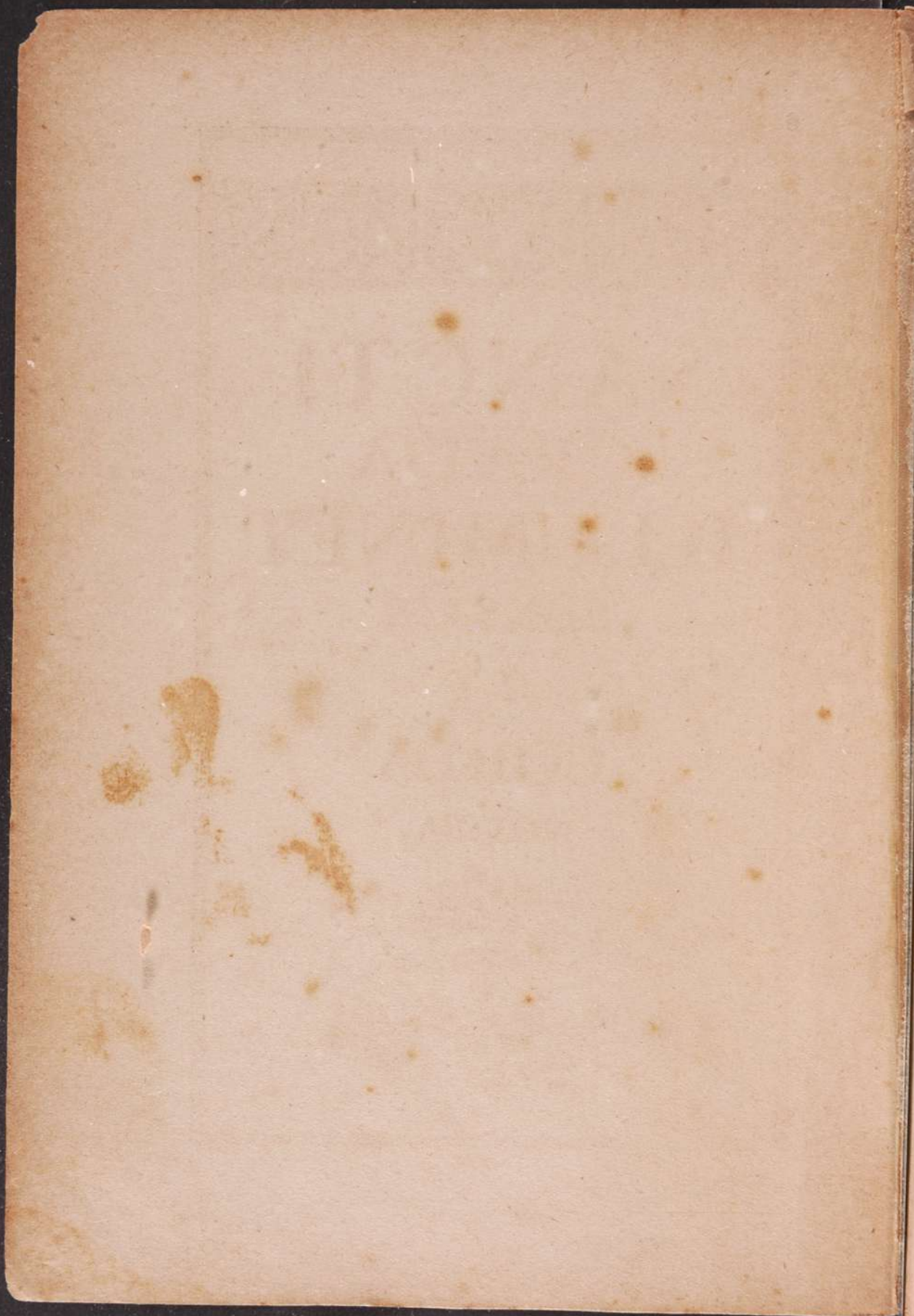
<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



P 653





U. 825-

SPIRITUS

SANCTI  
GRATIA  
ILLUMINET  
SENSUS  
ET  
CORDA  
NOSTRA





# REVISTA DO NORTE

LITERATURA, HISTORIA, ARTES E OFICIOS

SERIE III - ABRIL DE 1942 - NUMERO 1



PERNAMBUCO. BRASIL



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON

FROM THE FIRST SETTLEMENT  
TO THE PRESENT TIME

BY  
NATHANIEL BENTLEY

IN TWO VOLUMES.

VOLUME I.

BOSTON: PUBLISHED BY  
J. B. ALLEN, 1856.

NEW-YORK: J. B. ALLEN, 1856.

## *EXTINTOS ALDEIAMENTOS DE INDIOS DE PERNAMBUCO*

**A** historia da colonização portuguesa em terras pernambucanas, encerrando por um lado aspectos realmente singulares de esforço e tenacidade, apresenta, ao mesmo tempo, um dos episódios mais justamente lamentáveis na luta inexorável e exterminadora do indígena.

Fundados os sólidos núcleos de população e de cultura, que tornaram Pernambuco um lugar de riquezas quasi lendárias, o indígena aí figurava ou era utilizado como escravo, sob um regime de trabalho e de exploração a que nunca poderia ficar submetido sem protesto formal e violento.

Esse protesto havia de ecoar rapidamente por toda a parte e desaparecia assim a paz dos primeiros dias, conseguida após pequenas escaramuças e à sombra da qual em pouco tempo tanto se tinha feito e estruturado, de modo a permitir à jovem povoação lograr uma vida de relativa abastança.

Os centros de resistencia, que os portugueses fundaram, não suportariam, contudo, as arremetidas destruidoras dos valentes e indomáveis caetés, não fosse a a-

liança valiosa e fortalecedora dos tabajaras, povo de indole mansa e inimigo rancoroso dos seus visinhos.

As constantes hostilidades, os repetidos assaltos, as devastações de engenhos e propriedades e os frequentes incendios em que se empenhavam denodadamente os caetés, como represalia ao que sofriam, vieram apressar uma ação mais energica contra êles, redobrada quando foi morto o primeiro Bispo do Brasil, triste acontecimento que deu lugar à resolução régia estabelecendo a escravidão perpetua para aqueles indios, o que foi deveras tão fatal a todos os demais.

Tudo isto era uma consequencia natural do regime primario de esbulho, escravidão e morte instituido abertamente pelos chamados nobres que aqui se instalaram e que logo se afizeram às rudes circunstancias.

Estava pois inteiramente mudada aquela primitiva paisagem de tranquilidade e daí em diante além das iniquas "guerras justas", «para que um indio qualquer fosse reduzido à escravidão, nada mais era preciso do que alegar-se que êle pertencia, ou descendia da raça dos *Caetés*; e o mais revoltante era ser juiz nessas causas, quasi sempre, o proprio denunciante.»

Nem os bons aliados de ontem escapariam à cubiça do colono e vitimas, dentro em breve, de tais atrocidades levantaram-se tambem os tabajaras, unidos aos petiguaes do extremo norte de Pernambuco, muitos dos quais foram findar os seus dias atribulados em regiões remotas.

De pronto a guerra tomou carater sistematico e atroz, seguindo do litoral para o interior, confundindo todos os povos no mesmo destino e no mesmo infortunio.

Em 1560, após uma campanha que durou cinco anos consecutivos, foram os caetés batidos e afugentados pa-

ra o sertão, ficando, provavelmente, aqui e ali restos dessa gente, sem nenhuma memoria das suas origens.

Depois de tão grande desconcerto, como identificar-se hoje, com exatidão, a procedencia dêsses *caboclos da lingua geral*, encontrados no interior e de que nos falam os relatorios, os officios e outros documentos?

O demorado contratempo da guerra holandêsa e a passagem devastadora dos paulistas, vindos mais tarde ao nordeste para reduzir as grandes nações indigenas rebeladas, foram circunstancias favoráveis a que mais se avolumasse a enorme confusão que já lavrava largamente entre os nossos selvicolas, antes daquêles dois eventos.

Vencida, porém, a fase agitada da guerra restauradora e restabelecida a calma, um dos problemas que se apresentariam ao governo seria o do indigena até então entregue aos cuidados do missionario, sempre inexcedível realizador da obra extraordinária e assombrosa de todos conhecida.

Reorganizados os negocios publicos, nova orientação entendeu o governo de dar ao problema e com o tempo começaram a ser criados órgãos especiais encarregados de desempenhar o grande trabalho.

No entanto, a verdade é que as "Juntas das Missões", os "Governadores de Indios", etc., etc., nunca puderam fazer o que os abnegados e quasi sempre anônimos missionários de várias ordens religiosas executaram com os maiores e jamais compreendidos sacrificios.

Quando e em que condições começaram a ser aldeados os gentios, não nos dizem suficientemente os elementos de que dispomos.

Sabe-se que de longa data vinham os aldeamentos, aqui como no resto do país e a custo conseguimos in-

dicar alguns longe, porém, do que talvez seja possível realizar um dia de modo mais perfeito, com paciência e tempo.

Pereira da Costa, em nota à sua monografia sobre a naturalidade de Felipe Camarão, tem como evidentemente incompleto o numero de três aldeamentos apenas existentes em Pernambuco no momento da invasão dos holandêses—*Moquigh* ou S. Miguel, Caeté ou N. S. de Ipojuca e *S. Miguel de Igua*, relacionados pelo padre Manoel de Moraes e argumenta com acerto que «atingindo então a capitania a quasi um seculo de existencia, não é crível que contasse somente aquelas três aldeias.»

Citando Jaboatão, diz ainda Pereira da Costa que Fr. Melquior de S. Catarina deixou ordenados de 1585 a 1594 dez aldeamentos em Pernambuco, mas não os especifica.

Adriano Verdonck, em 1630, na sua “Descrição das Capitancias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande”—memoria apresentada ao Conselho Politico do Brasil, referindo-se aos indios faz uma estimativa da existencia de 11 ou 12 aldeias, do rio São Francisco até o Recife, mas do mesmo modo não as especifica.

No Recife, durante o periodo do dominio batavo, houve pelo menos dois aldeamentos: um na estrada do Parnamirim e outro no lugar Salinas, em S. Amaro, conforme assinala a “Planta da Cidade do Recife e seus suburbios em 1645 segundo a descreveu e estampou Barleu em sua Historia”—Recife—1874. De certo pequenos agrupamentos, tão pouco importantes que as cronicas de então dêles não tratam.

Dos mais antigos o que é mencionado com alguns detalhes é o de *S. Miguel do Siri* ou *Serigi*, de indios

da lingua geral, primitivamente chamado de *S. Miguel de Mossupe* ou *Mussupe*, fundado em 1591 em terras do actual municipio do Pau d'Alho e que mudado ora para um, ora para outro ponto, teve afinal, em data ignorada, definitiva localizaçãõ na ribeira do riacho Siri, afluente da margem sul do rio Tejucupapo.

Arrasado por occasião da guerra holandêsa, com a restauraçãõ voltou a ser habitado e pela carta regia de 16 de agosto de 1718 lhe foram destinados 375 braças de largo sobre 3.000 de comprimento. Existia ainda em 1746.

Tudo, de resto, caminhava sem a consistencia que era de esperar da instituiçãõ e exercicio dos orgãos a que aludimos ha pouco, de forma que bem proximo dos nossos dias, em 1858, quando o governo provincial tratou de aldeiar as hordas de selvagens que vagavam na Serra Negra, o funcionario para isso designado reclamava o auxilio de um padre para o exito de sua missãõ.

Realmente a administraçãõ directa do governo era sempre acompanhada de inconvenientes e de erros bem graves:—o preenchimento demorado dos cargos, quando vagos, desorganizando o pouco que já se havia conseguido; o recrutamento forçado; as eleições; o proprio funcionario por vezes mais interessado em utilizar o indio ou suas terras em proveito proprio, de amigos, de poderosos ou de influencias politicas a que nunca podia escapar, tudo inutilizava as melhores intensões do governo, que, por sua vez, era compelido a atender às exigencias dos incontentaveis partidos da monarquia.

E o que o funcionario de 1858 ia executar com a ajuda de um padre, como pedia, já tinha sido feito por Fr. Vital de Frascarolo, da Penha do Recife, em 1801 e 1802.

Felizmente ficaram os testemunhos da sua obra nas cartas que escreveu, pelas quais podemos saber que em 1801 tinha aldeiado já os umães, ou umãos, juntamente com os vovês, no Olho d'Agua da Gameleira, em Cabrobó e que no ano seguinte, em 31 de julho, achava-se na capela do Jeritacó, na ribeira do Moxotó, em busca dos pipipães, pipipões ou pipipam e dos avis, que estanciavam entre aquêlê rio e o Pajeú.

A 1 de agosto, entrava em contacto com os indios que procurava e, a 12, encontrava-se no lugar Jacaré, dando começo ao aldeamento no mesmo local, por escolha dos proprios indios, que para isso alegavam haver alí abundancia de caça e de mel e facil cultura da mandioca na serra do Periquito, distante três léguas e já perto da Serra Negra. Compunha-se, então, êsse aldeamento de 135 indios.

Em 1803 começou Fr. Vital a catequizar os xocós ou chocós, até então embrenhados nas cabeceiras dos rios Piancó e Terra Nova, reunindo-os aos pipipões, mas, verificando que entre as duas nações havia constantes desinteligencias, juntou os xocós aos umães e vovês no mesmo logar do Olho d'Agua da Gameleira, num total de 130 pessôas.

Ha noticias de que, em 1713, os xocós com alguns guguês, (vovês?), carateús, umães e pipipões revoltaram-se na ribeira do Pajeú sendo batidos e, em 1806 para uns, ou 1812 para outros, Fr. Angelo Mauricio de Niza, do convento da Penha do Recife, conseguia trazer essa gente atirada no sertão de Rodelas, e então conhecida tambem pelo nome de omari, para fundar o *aldeamento da Baixa Verde*, na serra do mesmo nome, onde, em 1819, fez erguer uma capela dedicada a N. S. das Dores.

Diz um documento que a aldeia foi abandonada em 1819 por causa do assassinio do seu diretor.

Mas, com o falecimento de Fr. Angelo, em 1824, foi que se deu a dispersão dos indios para o sertão, ficando, porém, alguns que constituíram o nucleo fundador da atual cidade de Triunfo.

Vouvês, pipipões, xocós e umães, segundo Martius, numa referencia de Rodolfo Garcia, eram de origem cariri.

Sobre êles, diz Aires do Casal, na sua "Corographia Brasilica":—"Erão quatro nações, cada huma de poucas familias, e distinguidas pelos appellidos de *Pipipan*, *Chocó*, *Uman*, e *Vové*: cada huma com o seu idioma particular; mas que mostram ter huma mesma origem: inimigas irreconciliaveis humas das outras, ainda hoje conservão a sua antiga antipathia. Occupavão hum territorio de 30 legoas em quadro, entre o rio Móxoto, e o Pajehú, mais proximos á serra do Ararippe, do que ao rio de S. Francisco: paiz na maior parte agreste, e falto d'agua. Todas errantes, sem conhecimento de genero algum de agricultura, mantendo-se de fructas silvestres, mel, e caça: hum porco, hum veado, hum passaro tudo era assado com cabello, pennas, e intestinos. Os homens, cujas armas erão o arco e seta, andavão nus; as mulheres cubrião-se decentemente por diante com huma rede miuda e elastica, ou com huma franja larga de linha grossa, e mui torcida de croatá, tudo feito com arte. Sepultavão os mortos encolhidos, por falta d'instrumento com que fizessem huma cova grande; e sempre debaixo da arvore mais frondosa, preferindo o ambuzeiro, havendo-o no lugar. Contentavão-se com huma mulher; o adulterio era absolutamente ignorado entr'elles; crime que abominão sobre maneira aos conquistadores. Todos receberão o baptismo; e depois de aldeados, começarão á cultivar os viveres mais necessarios á vida, como mandioca, milho, abobaras, e



algumas fructas; conservando huma grande paixão pela caça, e pretendendo ter o mesmo direito sobre os bois e carneiros dos fazendeiros circumvisinhos.»

Os indios dispersados em 1824 com muitos outros procuraram mais uma vez o abrigo da Serra Negra onde passaram a ser duramente perseguidos e espingardeados pelos fazendeiros das vizinhanças e assim estiveram durante trinta e quatro anos, quando em 1858 cogitou o governo de aldeia-los.

De origem cariri, tambem os garanhuns que habitavam a serra do mesmo nome onde hoje está a cidade e a respeito dos quais existe unicamente essa referencia; os da *aldeia de N. S. da Conceição*, na ilha do Pambú; da *aldeia de S. Felix*, de indios "tuxás", na ilha do Cavalo; da *aldeia de S. Francisco*, de indios aracapás, na ilha do mesmo nome, aí reunidos em 1702; da *aldeia de S. Antonio*, da ilha Irapuá, estas missionadas por capuchinhos da Penha do Recife, em 1749; os da *aldeia de N. S. da Piedade*, da ilha de Inhamun, missionados por franciscanos do Convento do Recife, ilhas estas no rio S. Francisco.

Os carapotós, igualmente cariris, occuparam terras da serra do Cumunati, no municipio de Aguas Belas e foram allí catequizados de 1681 a 1685 por Fr. José de Bluerme.

Numerosos, parece, occuparam ou fizeram estações mais ou menos demoradas em diferentes lugares aos quais ligaram seus nomes como acontece com as povoações existentes em Taquaritinga, Brejo e Caruarú e a uma serra em Gravatá.

Durante muitos anos nenhum documento fala destes indios, ou pelo menos nenhum encontramos, até que aldeiados no mesmo lugar, com direito a duas leguas de terra em quadro, concedidas pela Carta Regia de 5

de junho de 1706, aparecem os carnijós, por sinal que apontados também como cariris.

Não afirmamos, mas é de crer que sejam os mesmos carapotós, pois é admissível que esquecidos, tenham permanecido ali em grande parte.

Quanto à mudança do nome, não foram, ou melhor, não seriam os únicos.

Um motivo ainda é que a dispersão ou rebeldia dêles seria objeto de algum registo, como comumente acontecia em relação aos outros.

Entre os rios Ipojuca e Serinhãem, houve um aldeamento com o nome destes índios e, cerca de 1746, havia uma aldeia de carapotós em terras da Alagoa Comprida, em Penedo.

Os carnijós compõem ainda hoje a *aldeia* de *Agua Belas*, do *Panema* ou *Ipanema*. Em 1749 havia entre êles um missionario do habito de São Pedro e reuniam-se em numero de 322 pessoas; em 1855, 738; em 1861, 382 formando 96 familias, «e parece que não chegará atualmente a 100», diz um documento de 1873. Por ato de 1 de maio de 1875 foi declarado extinto o aldeamento.

Apontados ainda como cariris são os xucurús ou xucururús, por alguns assim chamados, si bem que esta filiação seja atualmente contestada por Curt Nimuendajú.

Expelindo os urubás, ururubá, ararobá ou ororobá da serra que ocupavam e a que deram o nome estabeleceram-se ali os xucurús, formando a *aldeia de Cimbres*, declarada extinta em 25 de janeiro de 1879.

Sobre esta aldeia, diz Aires do Casal na sua "Co-rographia"—«Symbres, anteriormente *Ororobá*, pequena villa d'Índios Chucurús, com alguns brancos e mestiços, cultivadores d'algodão e mantimentos do paiz. Os

primeiros tem fama de saber compôr remedios, que fazem alienar o juizo. Suas mulheres trabalham em ollaria com arte, fião e tecem algodão, e fazem hum pranto lugubre, quando os maridos não trazem caça do mato. A matriz, dedicada a N. Senhora da Montanha, foi dos Padres da congregação do Oratorio do Recife: 472 he o numero dos vizinhos que formão a sua população.» Em 1749 era habitada por 642 indios; em 1855, por 861; em 1861 contava 789 pessôas compondo 238 familias. As terras do aldeamento deviam ter uma extensão de 3 leguas sobre 2 e iam até as aguas do rio Ipojuca.

Diversos outros aldeamentos e povos existiram em Pernambuco, uns mais e outros menos conhecidos.

Ainda nas ilhas do S. Francisco vamos encontrar a *aldeia de N. S. do Pilar*, de indios caripós, habitantes da ilha do mesmo nome, missão de franciscanos. Existia ainda em 1749, conforme a "Informação Geral da Capitania de Pernambuco".

Aldeias de *N. S. do Ó* e do *Beato Serafim*, de indios porcás ou procazes e brancararús, nas ilhas de Sorobabé, de Acará e da Varge ou Vargem. Nas duas primeiras o missionario era franciscano e na ultima capuchinho. Em tempos recuados os porcás estendiam-se pela grande região que vai do S. Francisco à serra do Araripe. O aldeamento dos brancararús vinha de 1702.

*Aldeia de N. S. dos Remedios*, de indios tamaqueús ou tamaquiuz, na ilha do Pontal, missão franciscana.

*Aldeia de Santa Maria*, na antiga comarca hoje municipio de Boa Vista, em três ilhas contiguas no mesmo rio, reduzida em 1861 a 104 pessôas que compunham 29 familias. Perseguidos pelos fazendeiros das imediações, em grande parte deixaram os indios o aldeamento para se incorporarem aos que erravam na Serra Negra. Foi declarada extinta em 21 de fevereiro de 1879.

*Aldeia de Assunção*, que se achava em uma grande ilha do mesmo rio. Devia a sua extensão ser de cinco leguas compreendidas algumas pequenas ilhas. Parece ter sido de 1722 a data de sua fundação. Em 1872 o juiz municipal de Cabrobó mandou pôr em hasta publica não só as pequenas ilhas em que os índios faziam suas plantações, como também a parte em que estava situada a própria aldeia. Em 1855, contava com 620 índios, reduzidos em 1861 a 177, que formavam 64 famílias. Os terrenos desta aldeia foram completamente usurpados e foi declarada extinta em 21 de fevereiro de 1879.

Na zona próxima de Cimbres:—*aldeia do Macaco*, de índios paraquióis ou paratiós. Em 1749 compunha-se de 182 pessoas.

*Aldeia do Senhor Santo Cristo*, de índios ansús, anchús, ou ichús dominando as paragens centrais que vão da Serra do Araripe para o sul até o S. Francisco. Era missão de capuchinhos e existia ainda em 1749.

Em terras de Bôa Vista habitaram também os caraiabas, onde, em recordação, ficaram com êsse nome uma serra e um rio. Sobre êles, diz Rodolfo Garcia que «até principios do seculo passado, os Pimenteiras formaram uma ilha caraiba no meio dos Tupis e Gês em Pernambuco e no Piauí.»

A “Informação Geral da Capitania” cita ainda:—a *aldeia do Limoeiro*, de caboclos da lingua geral, missão de religiosos da Congregação de S. Felipe Neri, origem da actual cidade; a *aldeia de Aratagui*, na freguesia de Tacoara, junto ao rio chamado Papoca, sob a invocação de N. S. da Assunção, de caboclos da lingua geral, missão dos padres da Congregação de S. Felipe Neri; a *aldeia da Missão Nova de São Francisco do Brejo*, situada na ribeira do Pajeú, missão franciscana.

A *aldeia de Barreiros* ou do *Una*, antiga *S. Miguel*

de *Iguna*, ficava ao sul do rio Una e era formada por índios da lingua geral, sob a invocação de S. Miguel. Em 1749 havia entre êles um missionario carmelita. Em 1855 contava este aldeamento 384 índios; em 1858, 460, e em 1861 a sua população era de cerca de 191 familias. A aldeia, pela carta régia de 28 de janeiro de 1698, primitivamente situada, sem demarcação, em terras concedidas a João Pais Velho, na margem do Persinunga, devia ter quatro léguas em quadro, dadas em paga de serviços por estes índios prestados na guerra dos Palmares. Anos depois conseguiu o morgado remover o aldeamento para o lugar Barreiros, na margem do Una, dando, porem, aos índios apenas uma légua de terras. Em 1875 foram ditas terras demarcadas e divididas em lotes de 22.500 braças quadradas, para serem distribuidos pelas familias dos índios e os restantes, de 10.000 braças quadradas, vendidos em hasta publica, em virtude do aviso ministerial de 27 de março de 1872 e ato de 4 de abril de 1873, do presidente da provincia, que declarou extinto o aldeamento.

A *aldeia da Escada*, situada à margem do rio Ipojuca, era de "caboclos da lingua geral" segundo a "Informação Geral da Capitania de Pernambuco". Por carta régia de 28 de janeiro de 1698, tinham direito estes índios a um quadro de quatro léguas de terra para seu aldeamento e plantações, dadas em remuneração dos serviços por êles prestados na guerra dos Palmares, porém, em 1861 só dispunham de pouco menos de duas léguas. Em 1861 era composta de 212 pessoas de ambos os sexos, formando 68 familias. Em 1749 eram os índios assistidos por um missionario da Congregação de S. Felipe Neri.

O aviso ministerial de 14 de setembro de 1861 orde-

nou a demarcação das terras do Riacho do Mato e para ali mandou transferir o aldeamento da Escada. Em 2 de janeiro de 1862, reconsiderando o governo aquele aviso, mandou tornar sem efeito a transferencia. Um novo aviso de 1 de fevereiro de 1868 vem definitivamente extingui-la.

A *aldeia do Riacho do Mato*, nos ultimos tempos chamada tambem do *Conde d'Eu*, no lugar Caldeirões, foi fundada exclusivamente para satisfazer a ambição de politicos e poderosos da Escada mancomunados para se apoderarem das terras dos indios. Compreendendo que dos meios violentos poderiam surtir efeitos contrarios, recorreram ao ardil de mandar insignificante grupo se estabelecer no Riacho do Mato e pedir ao governo a mudança do aldeamento para ali. Empregaram nisto todos os empenhos e o grupinho, que no Riacho do Mato se firmara cerca de 1859, vio, afinal, para lá mudado o aldeamento, depois de varias providencias e avisos. O aviso ministerial de 9 de janeiro de 1864 mandou garantir as terras do Riacho do Mato aos indios que ali estavam instalados. Dividia-se o aldeamento em dois, chamados um de cima e o outro de baixo. Cultivavam os indios algodão, mandioca, fabricavam rapaduras e viviam da caça. Segundo um documento de 1873, encontravam-se ali apenas 35 pessoas que tinham abandonado o aldeamento da Escada. Nesse mesmo ano de 1873, por ato de 4 de abril, foi declarado extinto o aldeamento.

Sem melhores noticias, houve em Altinho um aldeamento denominado de *Terras do Rei*, e em 1707 habitava nas ribeiras do Gurjaú, em Jaboatão, uma tribu com o nome de arapoá-assú.

Como a de Aguas Belas, existe ainda a *aldeia do Brejo dos Padres*, situada no antigo Tacaratú. Os seus ha-

bitantes são chamados pancarús ou pancararús, de origem não sabida. E' possível que esta aldeia tenha sido a que reuniu a maior quantidade de remanescentes de índios de varias procedencias, principalmente da Serra Negra. Acha-se envolvida em lendas e simples tradições a epoca de sua fundação, havendo, porém, desconfianças de que seja de 1802. Têm sido êstes índios objeto de varios estudos, destacando-se, pelo grande merito, o do dr. Carlos Estevão, diretor do Museu Goeldi, do Pará.

Em 1855 a sua população era de cerca de 580 pessoas e, em 1861, de 290, distribuidas por 98 familias. Não foi extinta por ato algum presidencial, mas, assim considerada, pelos avisos e instruções de 8 de julho de 1875.

Depois de relacionados tantos aldeamentos, em muitos dos quais houve dias prosperos, somente dois podemos encontrar ainda hoje: o do Brejo dos Padres e o de Aguas Belas, e restos inteiramente desagregados de um outro: o de Cimbres.

Participando diretamente da administração e do movimento das aldeias, verificou o governo, depois de algum tempo, a conveniencia de decretar a extinção de todas.

Desfazia-se de uma obrigação da mais alta importancia.

Para isso recorreu a uma serie enorme de leis, decretos, avisos e instruções, dando por terminada a sua proteção, diante do que mais evidente se tornou o vulto da obra ingente e sem par do modesto e obscuro missionario.

OLYMPIO COSTA JUNIOR

# Aldous Huxley, historiador

**G**REY EMINENCE (1) é o primeiro livro de história escrito por Aldous Huxley. A biografia de *père* Joseph, secretario e confidente de Armand-Jean Du Plessis, Cardial Duque de Richelieu.

Quando escrevia nas suas famosas MEMOIRES: *Um servidor não merece este nome, se não é capaz de, quando necessario, sacrificar os seus interesses pelos do senhor*, o Cardial tomava por modelo aquele capuchinho. *Père* Joseph era um tipo curiosissimo. Místico e politico, contemplativo e diplomata, filho de São Francisco e conselheiro de guerra, mestre de oração e, não em tudo mas em muita coisa, discipulo de Maquiavello. Homem de Deus e servidor desse grande homem do mundo, o Cardial de Richelieu. Dois nomes dava Richelieu ao seu secretario. Ezequiel e Tenebroso-Cavernoso. De Ezequiel, as barbas profeticas, os olhos misticos voltados para as mais intimas profundesas de Deus. De Tenebroso-Cavernoso, os labios voluntariosos, as mãos ageis

(1) ALDOUS HUXLEY: *Grey Eminence | A biography of Father Joseph, the right-hand man and collaborator of Cardinal Richelieu*. Harpers and Brothers, 1941.



e fortes, agarradas ao carro das manobras humanas. Ezequiel, pelo ardor religioso, pela chama biblica, pela visão de um divino reino "deste" mundo. Tenebroso-Cavernoso pela solercia, pelo genio das negociações, pela capacidade de silencio e de penumbra. Foi com êle que o Ministro de Luiz XIII aprendeu aquelas *MAXIMES D'ETAT: Na côrte é preciso ser sincero e simples com os bons. Prudente e reservado com os máos, dando-lhes porrem a impressão de uzar, tambem com êles, daquela mesma sinceridade tida com os bons.*

Não se pense que *père* Joseph fôsse um caso teratologico, uma especie de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Longe disso. Aquelas qualidades, referidas acima, se equilibravam nêle. Eram as duas faces de uma só moeda. A moeda com a qual eie queria comprar o reino "deste" mundo para dar ao seu Jesús Crucificado.

Se o arguissem de infidelidade ao espirito cristão e aos votos de vida perfeita, êle sem duvida citaria o Evangelho em seu favor. Pois o Senhor não mandara ser simples como a pomba, e astucioso como a serpente?

Pobre *père* Joseph, como êle se enganou na interpretação dessa passagem biblica! Que pena, para êle, a vida o tivesse arrastado das suas preocupações iniciais para o turbilhão da politica, sem lhe deixar tempo de lêr, por inteiro, os seus Evangelhos! O Senhor disse aquilo certamente, mas tambem disse que o seu reino não era "deste" mundo. E ainda: *Não se póde servir a dois Senhores a um só tempo.* O desconhecimento, na pratica, destas duas verdades foi a tragedia, não digo da vida, mas da obra do espantoso capuchinho. Querendo caminhar para Roma, foi para o lado oposto que os seus pés o levaram.

Na introdução ao seu magnifico estudo sobre Riche-

lieu, a quem chama *the Founder of Modern Europe*, Hilaire Belloc aponta o Cardinal como o maior responsável pela permanente deflecção da Europa, até os nossos dias. Dividiu-se a Europa cristã num mosaico de nacionalidades. Foi-se estabelecendo, desde então, um "culto" nacional, um Estado divinizado, em substituição à Igreja, de cujo seio a Europa nascera. O fosso aberto entre a cultura católica e a protestante que se procurava firmar, em-vez-de fechar-se, como era esperado naquele tempo, foi alargando até o caos contemporâneo, graças ao êxito da política cardinalícia. Certamente não foi êle o unico responsável, afirma Belloc. Inumeros fatores se juntaram na inestrincavel complexidade da historia européa, e um homem, por maior que seja, não pôde representar mais que a sua parte. Não se nega existir uma força do destino. Não se deve negar, tambem, que a "vontade" do homem "dirige" o destino do homem; e a vontade que dirigiu inicialmente as forças que ainda hoje nos sacodem, foi a "vontade" de Richelieu. Foi Richelieu quem abriu as comportas desta torrente.

Por outros caminhos, Aldous Huxley chegou às mesmas conclusões. Referindo-se a uma viagem que, humildemente, pés no chão, burel e calças arregaçadas até os joelhos, *père* Joseph fazia por incumbencia do Rei— diz Huxley: «A estrada palmilhada pelo capuchinho levava-o, imediatamente, à Roma de Inocencio VIII. Mais remotamente levava-o a Agosto de 1914 e a Setembro de 1939.»

---

Foi na encruzilhada de Setembro de 39, que Aldous Huxley e o capuchinho se encontraram.

Depois de sustentar que um dado acontecimento em

qualquer parte do Universo tem por condições determinantes todos os acontecimentos anteriores e contemporaneos do mundo inteiro, (1) Huxley toma o fio da meada das catastrofes de 14 e 39, e, desenrolando o novelo, vae dar com a chamada "guerra dos trinta anos". Na cadeia dos crimes e loucuras, que ligam o mundo atual ao antigo—são palavras dêle—o élo mais importante e fatal foi a "guerra dos trinta anos". Muitos forjaram esse élo, mas ninguem teve uma participação tão preponderante como o colaborador de Richelieu—François Leclerc du Tremblay, em religião *père* Joseph de Paris, e na giria historica *l'Eminence Grise*. (p. 18)

*Père* Joseph de Paris... Huxley já ouvira falar neste nome.

Henri Bremond—na HISTOIRE DU SENTIMENT RELIGIEUX EN FRANCE—traçou o perfil místico do capuchinho.

*Père* Joseph apresentava-se, ao escritor inglês, como um politico e um místico, e "politica e mistica" é assunto da sua predileção. Ser assunto da predileção de Huxley é uma das fraquezas do livro de Huxley. Frequentemente o escritor interfere nos fatos, insére largos parenteses doutrinarios, amaneira a vida do biografado. Não chego a afirmar que o autor do ENDS AND MEANS dê nôvo *curriculum* à vida de *père* Joseph. Serve-se, porém, de um jôgo de luz de teoria, que perturba a visão dos contornos, e cria um "clima" para principios

(1) Aldous Huxley repete o que diz um dos seus personagens do POINT COUNTER POINT o "romancista" Philip Quarles: «o certo é que tôda a historia do Universo está implicita em cada uma das suas partes. O olhar perscrutador não pôde fixar nenhum objeto, sem vêr através dêle, como através duma janéla, o mundo inteiro».

pre-estabelecidos. GREY EMINENCE veio para confirmar ENDS AND MEANS.

Se, por um lado, os principios perturbaram o assunto do livro; por outro, o assunto do livro perturbou os principios, pois uma falha desse livro que deseja analizar o comportamento do místico na politica, é ter-se dirigido a um místico infiel à sua vocação. Se se quer conhecer a função de um órgão, deve-se observar um órgão que funcione bem. A infidelidade de *père Joseph*, à sua vocação mística, é por ele mesmo confessada. Dolorosa confissão a sua, em carta à abadesa das Calvarianas. Esta congregação de freiras, de nome tão ligado a um tema da sua devoção predileta—a paixão do Cristo—fôra reformada, por êle e por M<sup>me</sup>. d'Orleans, para uma vida de austeridade e oração. Recordando-se, perto de morrer, daqueles bons tempos do inicio da sua vida sacerdotal, *père Joseph* fazia à abadesa das Calvarianas essa triste confidencia: «Eu sei por experiencia propria—eu que, em castigo das minhas faltas e da má applicação do tempo que Deus me deu, já quasi não tenho folga para pensar na minha vida interior e me disperso numa infinidade de occupações—eu sei como é ruim não estar em união com Deus, não ter a alma na posse do espirito do Cristo, em *aderencia* com a sua vontade. Sei tambem, sei demais a necessidade, para aquella união, de boas companhias, afim de uns aos outros se ajudarem e se fortificarem. Quando penso nisso, e vejo como eu e muitas outras criaturas passamos a nossa vida, chego a crer vivermos num mundo inventado, no qual todos perdemos o juizo—pois não ha diferença, salvo nalgumas exterioridades, entre nós, os pagãos e os Turcos». Para os cristãos do seculo XVII, comparar-se com os Turcos era quasi comparar-se com o diabo.

E' impressionante a morte do capuchinho, contada no ultimo capitulo do livro de Huxley.

Num sabado—11 de Dezembro de 1638—sentindo estar chegando o fim, *père Joseph* mudou-se para a sua céla de diretor espiritual das Calvarianas, em Marais. Queria, naquele fim de semana, entregar-se, com as suas dirigidas, às praticas espirituais de acordo com aquele metodo do Mestre Benet Fich. Esteve aparentemente bem. Passou tódo o Domingo em orações. Fez uma cconfissão geral. Na segunda feira voltou para junto do Cardial, e dois dias depois teve um ataque de apoplexia. Perdeu a fala e os movimentos. Fôram chamar um Padre e os medicos do Cardial. Richelieu chegou aflito. *Père Joseph* era o seu apoio. *Mon appui, où est mon appui?*—diria êle mais tarde. Os medicos vieram e fizeram a sangria. Depois chegou o Padre para a extrema unção. Todos ajoelharam. *Père Joseph* recobrou um pouco as forças. O guardião do convento dos capuchinhos, o Provincial de Paris e o Geral da Ordem, um italiano que, por coincidencia, estava de passagem em França, fôram visita-lo. O Geral perguntou-lhe, em italiano: Você me reconhece?—*Père Joseph* apertou, com esforço, a mão do frade, respondendo que sim. O Geral disse-lhe que se quizesse receber a absolvição e a indulgencia plenaria de acordo com as regras da Ordem, fizesse um sinal de estar contrito. Com enorme esforço de vontade, o doente levantou a mão direita e bateu varias vezes no peito. O Geral deu a absolvição e a indulgencia. Grossas lagrimas correram dos olhos de *père Joseph*.

Na mesma tarde veiu o Padre com quem o capuchinho se confessara quatro dias antes. Sentando-se ao lado da cama do doente, o sacerdote disse-lhe ter chegado a hora de não pensar mais nas criaturas, e ter

todo o pensamento em Deus. Em Deus a quem, dali a pouco, iria prestar contas dos seus atos. Quando o sacerdote concitou o frade ao arrependimento, os olhos deste se encheram de lagrimas, e, num instante, recuperou a fala. — “Prestar contas”, disse êle em voz fraca.

— Sim, prestar contas—insistiu o sacerdote. Prestar contas, pois Deus é Juiz, e irá pesar-vos na balança.

Chorando, *père Joseph* repetia muitas vezes as mesmas palavras: Prestar contas, prestar contas, prestar contas...

Esperançados de salvar o doente, os medicos redobraram os seus esforços. Abriram-lhe as veias, e deixaram correr grande quantidade de sangue. O efeito foi contrario ao desejado. O doente que vinha melhorando, foi perdendo as forças. Começou a mover os labios com dificuldade. Frei Angelo, para cuja conversão, na juventude, *père Joseph* contribuiu muito, e que era, ha vinte anos, seu companheiro constante, ajoelhou-se, e, com a paciencia de quem ensina a uma criança, lembrava ao moribundo dever estar contrito e confiante na misericordia de Deus. Colocaram-lhe um crucifixo nas mãos. Com esforço *père Joseph* levou-o aos labios varias vezes. A-pesar-da paralisia ir-se generalizando, o capuchinho falou até o momento ultimo. As suas unicas palavras eram estas: Prestar contas, prestar contas.

A sua infidelidade à vocação mistica era, talvez, o principal motivo dessa preocupação. Discipulo de Pierre de Berulle e de Benet of Canfield, *père Joseph* chegara a escrever uma *Introduction à la vie spirituelle par une facile methode d'oraison*. Antes da politica, até a maior parte das suas noites eram da oração, eram da contemplação. Quando quasi não podia ficar acordado,

por vir dormindo muito pouco, *père* Joseph resava em pé, sustentando-se numa perna só, para que o desequilíbrio o advertisse contra o sono. Tivera phenomenos para-misticos. E tudo mostra que elle, como aquelle ser-vo da parabola, recebera os cinco talentos. Mas, ao contrario do outro, na hora das contas não tinha dez para apresentar. Daí a sua preocupação.

Sendo, portanto, um mystico que participando da politica deixou de ser mystico, *père* Joseph não foi bom assunto para o "estudo" de Huxley. Melhor seria um São Bernardo (1), um São Francisco de Borgia, uma Santa Catarina de Sena—a cuja "carreira politica" Denis-Boulet dedicou um livro bem interessante. Não quizesse sair da Inglaterra nem fazer uma excursão nos

(1) São Bernardo foi o que *père* Joseph quizera ser. Pregador e organizador de guerra santa. De participação intensa na vida politica do seu tempo, mas continuando homem da cela, e obedecendo ao preceito pauliano: *et qui utuntur hoc mundo, tamquam non utantur*. No seu SAINT BERNARD, HOMME D'ACTION, René Dumesnil escreveu: «Et que l'on ajoute à ces chevauchées si fatigantes les préoccupations politiques, les soucis que lui vaut une autorité morale grandissant à chacun de ses actes, et puis une correspondance prodigieuse avec tout ce qui compte en Europe par la pensée ou par l'exercice du pouvoir, et l'on n'aura pas encore une idée exacte de l'activité miraculeuse du saint abbé de Clairvaux. A tout cela en effet il faut joindre encore la composition de ses ouvrages, les heures de méditation et de prière, car jamais, aucun jour, il ne se libère des obligations que lui impose la règle de son ordre. Moine il est, moine il veut demeurer. Sa puissance spirituelle devant laquelle s'inclinent les rois, l'empereur et le pape lui-même, son autorité morale plus grande qu'aucun homme avant lui n'en connut sans doute, ne lui sont de rien. Il ne pense qu'à sa cellule, à la vie humble et retirée parmi ses frères les plus humbles, dans la solitude du vallon où il a fondé Clairvaux.»

campos da Igreja desacompanhado de Henri Bremond, Huxley ainda teria uma "vida" propria para o "estudo" a que se propunha: São Tomaz Morus.

Não só em frente de outra "vida" deveria Huxley colocar-se. Deveria, ainda, estudar melhor a mistica da Igreja e, talvez, escolher outro guia, que não Henri Bremond, para uma peregrinação pelos pontos daquelas paragens, atingíveis pela simples intelligencia, com tempo e vagar.

Nas paginas sobre as escolas de espiritualidade catolica, Huxley fica numa gangorra. Subindo a uma compreensão agudissima numas coisas, e descendo noutras a confusões e inintelligencias que fariam corar um aprendiz de catecismo. A sua afirmação de que a escola de Pierre de Berulle cae no politeismo e tem a Santissima Virgem como um Deus (p. 98), é um destes momentos da gangorra em baixo.

A posição agnostica do escritor perturba o exame comparativo, que varias vezes faz, entre a espiritualidade catolica e a indú. Na ordem sobrenatural, uma e outra não se confundem, são como agua e azeite. Na ordem natural encontram-se, algumas vezes, por certos ideais metafisicos, e por fenomenos psicologicos, porque existe uma «indivisão parcial do patrimonio metafisico da humanidade», e o homem é homem no ocidente e no oriente. (1)

O seu agnosticismo tambem não deixou que Huxley tocasse no essencial, no menos "tecnico", e a sua pressa não lhe permitiu aperceber-se das constantes de todas as escolas de espiritualidade catolica. Na Igreja

(1) Veja-se Joseph Marechal, S. J., REFLEXIONS SUR L'ÉTUDE COMPARÉE DES MISTICISMES *in* ÉTUDES SUR LA PSYCHOLOGIE DES MYSTIQUES, t. 2, p. 411-83.



não ha espiritualidades antropocentricas, e nenhuma escola tem o monopolio ou faz exclusão da Santissima Trindade, de Nosso Senhor Crucificado e da Santissima Virgem.

A espiritualidade contemplativo-ativa dos beneditinos (1), a espiritualidade mais afetiva dos franciscanos, mais especulativa dos dominicanos, mais poetica, se assim me posso expressar, dos carmelitas que seguem São João da Cruz, os jesuitas com os seus exercicios espirituais, a *aderencia* beruliana, o marianismo dos filhos de Grignon de Monfort, todos são diferentes, mas diferentes como os galhos de uma arvore, os quais se nutrem com a mesma seiva e são sustentados pelas mesmas raizes.

Vou permitir-me uma longa citação de trechos dum magistral artigo de J. de Guibert, sobre diferenças entre as diversas escolas catolicas de espiritualidade, publicado no fascículo 2.º, volume XIX, do *Gregorianum* (ano de 1938):

« No que diz respeito, não aos fins imediatos que são meios para o fim mediato superior, mas aos fins verdadeiros que orientam toda a vida espiritual cristã, não pode haver diferença entre as espiritualidades catolicas. Tudo, sem nenhuma exceção, é na ordem sobrenatural subordinado por nós a este fim unico: a gloria de Deus alcançada eternamente com a visão beatifica, e pelo sempre crescente aperfeiçoamento da nossa alma e das almas dos nossos irmãos na graça santificante, que será a medida da gloria eterna prestada à Trindade Santissima. Nenhuma espiritualidade cato-

(1) Sobre a espiritualidade contemplativo-ativa dos beneditinos, veja-se Cuthbert Butler, O. S. B., *BENEDICTINE MONACHISME, STUDIES IN BENEDICTINE LIFE AND RULE*, 2ª. ed., p. 95-110.

lica poderá ter fim diverso. A caridade—amor de Deus por si mesmo e do proximo pelo amor de Deus—é virtude mestra, dominadora e diretriz de toda a vida espiritual catolica. O contemplativo mais perdido em Deus não vive fóra da comunhão dos Santos e não é dispensado do preceito de amar eficazmente aos seus irmãos no Cristo, e o apóstolo mais devotado às almas não segue, no exercicio da caridade, preceitos diferentes daqueles segundo os quais devemos amar a Deus mais que a nós mesmos e procurar a sua gloria, primeiro com a nossa santificação, e depois com a santificação dos outros. Sob este aspecto essencial, todas as espiritualidades catolicas são igualmente teocentricas, e dizer duma espiritualidade que ela é antropocentrica, é dizer, queira-se ou não, que ela não é verdadeiramente catolica.

«...As diferenças entre as espiritualidades catolicas não poderão estar senão nos meios empregados, em cada uma delas, para atingir mais eficazmente e mais plenamente aquele fim comum.

«Mesmo quanto aos meios, as diferenças têm limites. Ha, com efeito, na ordem sobrenatural em que vivemos, caminhos e meios de santificação impostos igualmente a todos. E não se pode dizer que nenhuma espiritualidade dá maior ou menor preferencia a uns ou a outros. Acontecerá sem duvida que os autores duma escola falem, por exemplo, mais da nossa incorporação ao Cristo do que os autores doutra escola, mas isso não significará de nenhum modo que, na vida espiritual, de todas e de cada uma delas, não se dê o mesmo apreço àquela incorporação. As condições essenciais da vida cristã são as mesmas para todos: não se vai a Deus senão pelo Cristo, no corpo da Igreja; ninguem pode nada sem a graça e ninguem é dispensado do

necessario esforço para cooperar com ela fielmente: toda obra de santificação é primeiro uma purificação para chegar depois a uma união; vida de oração, abnegação, humildade, espirito de fé, confiança em Deus e desconfiança em si, primeiro lugar dado ao amor de Deus, são elementos que não podem faltar em nenhuma espiritualidade catolica.»

Como eu vinha dizendo, Huxley não chegou a ver essa identidade substancial entre todas as espiritualidades catolicas.

Com os jesuitas, o discipulo apressado de Henri Bremond chega a ser de uma incompreensão total. Já Henri Bremond cometera os seus erros—dalguns dos quais se penitenciou (1)—mas o discipulo, como bom *arrivista*, arredondou o pensamento do mestre, eliminando-lhe as “nuances” e as resalvas. Onde o primeiro dizia 4-2, o segundo diz apenas 4.

Para Huxley, enquanto Berulle, fazendo uma revolução em teologia (sic), estabelecia o principio de Copernico (teocentrico), os jesuitas sustentavam um sistema ptolomaico. (2) Para êle, Santo Inacio embora

(1) Henri Bremond, PHILOSOPHIE DE LA PRIÈRE, p. 46: «Je serais aujourd'hui beaucoup moins affirmatif, du moins en ce qui touche aux intentions de saint Ignace. Mon erreur est de m'en tenir à l'interpretation traditionnelle des EXERCICES et de voir saint Ignace tel que le voient le P. Brou, le P. Cavallera et le bon Laffite. Je me suis mis depuis à l'étude critique du texte lui-même et il m'a paru évident que l'auteur des EXERCICES entendait nous proposer, non pas un manuel d'acetisme héroïque, non pas davantage un manuel d'oraïson mais une methode, et toute mystique, d'election.»

Henri Bremond quebrou a ponta da sua flecha, embora ainda não fizesse justiça aos Exercícios.

(2) Outras questões, mais profundas e interessantes, sobre ora-

afirmasse, no começo dos Exercícios, ser a Gloria de Deus o fundamento e o fim da vida humana, escreveu um livro no qual o individuo assume a primazia. Deus passa para um segundo plano. Os Exercícios são uma ginastica da vontade pessoal. Contra esse sistema de Santo Inacio levantou-se Pierre de Berulle (p. 96).

Se Berulle tivesse lido isso, certamente tomaria um susto.

Mais adiante, Huxley chama a escola de Santo Inacio de "antropocentrica", acrescentando que os jesuitas são antimisticos. E porque os jesuitas são antimisticos? Huxley tem o segredo da coisa. Ninguem se espante, pois a ignorancia tem muita força, mesmo quando se apodera de homens da excepcional inteligencia de Aldous Huxley. Os jesuitas, diz êle, não conhecem os mais elevados estados misticos, e, não os conhecendo, acham-nos impossiveis, e suspeitam e perseguem aqueles que insistem na existencia dêles (p. 102). Se o jesuita Louis Lallemand (1) foi um grande místico, êle o conseguiu remando contra a corrente (p. 301).

Essas acusações aos jesuitas não são, apenas, acusações de Huxley, são acusações do "espírito do mundo". Um mundo (não me refiro ao escritor inglez), um mundo disvirilizado, sensual e entregue às leis do instinto revolta-se contra a *Ars Ignaciana*, porque ela é uma escola de energia, de acetica e de ação.

Ha catolicos que se enfileiram entre os acuzadores.

ção pura, oração pratica, oração e acetica, etc., se poderiam suscitar. Aqui cabe-me apenas examinar o livro de Huxley e os pontos de que êle trata.

(1) A respeito de Louis Lallemand e a espiritualidade da S. J. veja-se Alois Pottier, LA VIE ET LA DOCTRINE SPIRITUELLE DU P. LOUIS LALLEMAND.

Uns poucos para justificar a sua esterilidade e a sua inercia, outros por julgar serem de Santo Inacio as deformações de um ou outro jesuita ou discipulo de jesuita, outros ainda porque se deslumbraram por uma determinada escola de espiritualidade e querem que esta seja a unica ou pelo menos a incomparavelmente melhor. Estes ultimos querem reabrir a questão dos filhos de Zebedeu e a discussão do caminho de Cafarnaum.

O erro dos acuzadores não está em dizer que a *Ars Ignaciana* é escola de energia, de acetica e de ação. Mas em dizer que ela é exclusivamente isso, negando seja tambem escola de oração, de amor e de união intima com Deus. O erro não está em dizer que ela cuida do homem, mas em dizer que ela nega a Deus o que lhe é devido, como *Alfa* e *Omega* de todas as coisas. O erro não está em dizer que nela ha lugar para Marta, mas em dizer que não ha lugar para Maria. E essas exclusões erradas deformam e dão um máu sentido a tudo quanto se afirma.

Seria a Gloria de Deus, do começo dos Exercicios, simples palavras? Na espiritualidade de Santo Inacio o homem assume a primasia sobre Deus, criando um sistema antropocentrico ou ptolomaico?

A Gloria de Deus não era para Santo Inacio simples palavras, era a sua idéia fixa. *Ad majorem Dei Gloriam* repete-se 376 vezes nas Contituições da Companhia. O Serviço de Deus, a Gloria de Deus dominam a sua alma de cristão, como o serviço do Rei enchia o coração dos cavaleiros do seu tempo.

A simples leitura dos Exercicios destróe a arguição de antropocentrismo, revelando a sua espiritualidade Cris-

tocentrica. (1) Cristo é o Modelo, Cristo é o Chefe, Cristo é o Rei, Cristo é o General. O Exercitante não tira os olhos d'Ele, em nenhum momento dos Exercícios. O estudo da paixão dominante, o pecado, o *agere contra*, a *reformatio vitae*, tudo quanto se refere, nos Exercícios, ao homem, só se compreende tomando-se o Cristo como centro e medida. Os Exercícios giram, da primeira à ultima semana, em torno do Cristo, em torno do seu Serviço e da sua Gloria. Ser Cavaleiro do Cristo, combater por Deus sob a bandeira da Cruz, pertencer á Milicia do Cristo e estar de rins cingidos para ir onde chamar o Dever, eis o pensamento constante do Santo Fundador. E a vitoria, nessa luta, o homem deverá a si proprio? Do começo ao fim dos Exercícios, a Graça de Deus é invocada como causa principal de tudo. Se os Exercícios insistem na parte do *homem* não é por desconfiar de Deus, é por confiar em Deus. Deus não nos falta nunca. Ele é certo. A perdição e a imperfeição do *homem* não estão em Deus, estão no *homem*.

Para se ter uma idéa do que são os Exercícios, tome-se por exemplo a meditação do Reino. Meditação tipicamente inaciana. Veja-se como se apresenta o poder de Deus, a sua Generosidade, a Vitoria certa que nos assegura desde que cooperemos com Ele. Ali aparece a espiritualidade inaciana nas suas características. Cristocentrica, combativa e eminentemente apostolica.

(1) Na Carta Apostolica, de 6 de Julho de 1940, ao Geral da Companhia, o Santo Padre Pio XII afirma: «E'-nos, antes de tudo, sumamente grato cumular de louvores a Ascese Inaciana que, na mortificação e reforma do espirito, visa principalmente que *Cristo seja tudo em todas as coisas*, dirigindo tudo unicamente ao fim ultimo da maior Gloria de Deus.»

A "luta" pelo Cristo é um dos "imperativos" de Santo Inacio. São palavras daquela *meditação*: «y por conseqüente, si alguno no aceptase la petición de tal rey, cuánto sería digno de ser vituperado por todo el mundo, y tenido por perverso caballero.»

Os Exercícios submetem a vontade (se gostam do termo) a uma ginastica. Mas a ginastica inaciana tem por fim subordinar a vontade do *homem* à vontade de Deus, subordinação que é condição de santidade. Referindo-se à obra do Fundador da Companhia, S. Francisco de Sales—das maiores figuras da ÉCOLE FRANÇAISE e, para Bremond, um beruliano—afirmou que os Exercícios Espirituais promovem «profundas e generosas resoluções de seguir a Vontade de Deus.»

Ao seu Cristocentrismo, Santo Inacio deu uma expressão nova, determinando que a sua Ordem se ligasse de modo particular ao Representante do Cristo na Terra. Além dos votos comuns às outras Ordens, os jesuitas têm mais um: o de especial obediência ao Papa. A sua apostolicidade também possui um timbre próprio. Diz Giovanni Papini que Santo Inacio, sob certo aspecto, foi o mais católico dos Santos. Não, explica êle, que, em sentido absoluto, haja Santos menos ou mais católicos, mas é que Santo Inacio se ligou mais especialmente àquele corpo terrestre do Cristo que é a Igreja. (1)

Vimos a sem razão de Huxley nas suas primeiras arguições. Examinemos agora as ultimas.

Os Exercícios são escola de oração. Talvez aqui algum *debutant* quizesse perguntar com o pensamento em São João da Cruz ou Santa Chantal: a oração não é

(1) Giovanni Papini, SCALA DI GIACOBBE, p. 266.

“amor”, não é “liberdade”, não é abandono total nas mãos de Deus? O Espírito não sopra onde e como quer? Para que essa historia de “metodos”? O *debutant* quer começar por onde os grandes místicos terminaram, e desconhece os meios de que êles se socorreram. O Espírito sopra onde e como quer, mas a historia e a experiencia misticas ensinam alguma coisa do que Êle quer. Na vida corrente, adverte um illustre escritor, procurar praticar a oração sem começar pelo emprego dos *metodos de oração* é, salvo milagre, arriscar-se a não conseguir nunca uma oração profunda.

Mas, voltemos: os Exercicios são escola de oração. No *VERS DIEU PAR SAINT IGNACE* (ao qual Henri Bremond chama «um dos melhores livros que se escreveram sobre os Exercicios»), Louis Peteers afirma: «Disciplina da vontade, educação do zêlo, formação da humildade, da obediencia, da caridade: os Exercicios são tudo isso, mas *em e pela* oração. ... A oração é parte integrante e meio de realizar a ordem moral... Os Exercicios não falam senão de oração, procuram os meios de a facilitar e tornar mais eficaz, mais recolhida, mais respeitosa, mais intima. Uma legião de contemplativos illustres declara se ter formado nessa escola, e todos os autores espirituais da Companhia (Louis Lallemant inclusive) não fizeram mais que comentar e explicar os Exercicios.»

Perguntaram uma vez a S. Pedro Canisio o que êle tinha aprendido nos Exercicios, e êle respondeu apenas isto: a rezar.

Pio XI, na Enciclica *Mens Nostra*, repetiu o que havia escrito como Arcebispo de Milão: «Os Exercicios sobressairam-se e se afirmaram como o código mais sabio e absolutamente universal para dirigir as almas pelo caminho da salvação e perfeição, como o manan-



cial inexaurível da piedade mais profunda e ao mesmo tempo mais sólida, como estímulo irresistível e guia experimentadíssimo para obter a reforma dos costumes próprios e subir às alturas da vida espiritual.»

Muitos, sabendo que Santo Inácio desconfiava dos phenomenos para-místicos, pensam que êle era antimístico, ou, como diz Huxley, um místico nato que regeitou o dom da mística pela acética (p. 101). Santo Inácio não desconfiava da mística, desconfiava dos falsos místicos. No seu tempo, como em todos os tempos, muita gente queria confundir certas exterioridades e certas histerias, com a mística. O Santo sabia, porem, que a verdadeira mística sempre se acompanha de abnegação e mortificação. E' peculiar a Deus, dizia êle, agir no intimo das almas; o demonio ali não tem nenhum poder e, por isso, costuma enganar-nos por phenomenos exteriores, aparentes e falsos.

Santo Inácio tinha um diário intimo que, por humildade, destruiu quasi todo. Os fragmentos que ficaram, o testemunho dos seus companheiros, algumas confidencias suas revelam «um contemplativo, um místico privilegiado entre os privilegiados». Um dia êle disse ao Padre Laynez—depois de lêr muitas vidas de Santos—que se não soubesse haver naquelas vidas muito mais que o escrito pelos historiadores, êle não trocaria com todos juntos aquilo que Deus, nas suas uniões místicas, o fizera sentir e gosar. (1)

(1) Reginald GARRIGOU-LAGRANGE, dominicano, professor no ANGELICO de Roma, na obra *PERFECTION CHRÉTIENNE ET CONTEMPLATION*, t. 2, p. 732, mostra que: «Saint Ignace de Loyola avait sur la contemplation infuse les même idées que les autres Maitres, il la regardait comme desirable, non pas à cause des douceurs que parfois elle procure, mais parce que sans elle l'âme reste imparfaite. Il écrivait en effet dans une LETTRE Á SAINT FRAN-

A primeira qualidade que êle exige para Geral da Ordem, isto é, para aquêle que deve realizar o ideal de perfeição da Ordem, é a UNIÃO E A MAIS INTIMA FAMILIARIDADE COM DEUS.

E a Companhia é antimistica... Louis Lallemand um autor isolado...

Louis Peteers, numa lista ainda incompleta, aponta 95 autores místicos pertencentes á Companhia. Já são bastantes 95 para quebrar a unidade vista por Huxley.

Ninguém vae dizer que todos devam seguir a espiritualidade inaciana. Muitos preferirão outras que melhor se acomodem à sua personalidade, e estão no seu direito e no seu dever. Nem tudo é bom para todos. Pelos caminhos de S. Bento, de S. Francisco, de Santo Tomaz, de S. João da Cruz, de Pierre de Berulle e de tantos outros, tambem se chega a Roma.

Se tinha tão grande preocupação na hora extrema, *père* Joseph não o devia ao fato de ter escolhido a espiritualidade beruliana, mas ao fato de não a ter se-

çois de BORGIA (Rome, 1548): « au lieu de chercher à faire couler un peu de sang, cherchez plus immédiatement notre Divin Maître lui-même, je veux dire ses DONS TRÉS SAINTS, comme par exemple le don des larmes... ou encore l'intensité de la foi, de l'espérance et de la charité, LA JOIE ET LE REPOS SPIRITUEL, la consolation profonde, L'ÉLEVATION DE L'ESPRIT, LES IMPRESSIONS ET ILLUMINATIONS DIVINES et tous les autres goûts et sentiments spirituels relatifs à de tels dons, comme l'humilité... SANS CES DONS, TOUTES NOS PENSÉES, PAROLES ET OEUVRES SONT IMPARFAITES, FROIDES ET TROUBLES; NOUS DEVONS DESIRER CES DONS, afin que par eux elles deviennent justes, ardentes et claires, pour le plus grand service de Dieu. »

Todo esse capitulo sobre LES SPIRITUELS DE LA COMPAGNIE DE JESUS é resposta à acusação de Huxley.

guido. Entre o Cardial de Berulle e o Cardial de Richelieu, *père Joseph* hesitou, mas terminou ficando com o ultimo.

---

A primeira vez que Richelieu e o capuchinho se encontraram, foi para tratar de assunto religioso, ligado às calvarianas. *Père Joseph* quiz aconselhar-se com o Bispo de Luçon, que lhe diziam ser homem de pouco mais de vinte anos, de muita habilidade, zêlo e intelligencia. O Bispo de Luçon era Richelieu. Desde êsse tempo uma grande e mutua admiração ligou os dois homens. A influêcia de *père Joseph*, junto a Maria de Medicis, contribuiu, depois, para a ascensão politica do futuro Cardial.

No início, *père Joseph* e Richelieu discordavam num ponto importante. Ambos sustentavam ser vocação da França a restauração da cristandade na sua antiga unidade e esplendor. Como nos bons tempos, nas mãos dos francêses estariam os negocios de Deus—*Gesta Dei per Francos*. Do poder e da grandeza da França, dependeria, segundo êles, a sorte do catolicismo. Quanto aos meios para garantir aquêlo poder e aquela grandeza, em parte os dois estavam de acôrdo. A centralização, a destruição dos pequenos “reinados” dos nobres, enfim: *todo o poder ao Rei*, era formula comum a ambos. Mas discordavam, como disse, num ponto substancial. Enquanto Richelieu sustentava a impossibilidade de uma França poderosa sem o enfraquecimento das casas da Espanha e da Austria, *père Joseph* achava dever estabelecer-se uma forte ligação entre a França e aquelas duas potencias catolicas, afim de as três combaterem os herejes e libertarem os lugares santos. Os protestantes e os turcos, principalmente os tur-

cos preocupavam o capuchinho. Os nobres, os espanhóis e os austriacos eram a preocupação de Richelieu.

Partindo do princípio, aceito por ambos, de que para o bem do catolicismo a França devia ser poderosa, Richelieu expunha ao frade o designio constante das duas outras potencias catolicas em destruir a França, fazendo contra ela uma politica de cerco. Os exercitos espanhóis em todas as fronteiras. E, ainda no mar, Sua Magestade Catolica tomando à França os seus horisontes. Sua Magestade Catolica seria cristã?—perguntava Richelieu. A sua ambição de domínio sôbre toda a Europa, as suas exigencias ao Papa seriam cristãs? E os austriacos?—Richelieu desenvolvia, com o seu extraordinario poder de sugestão, o quadro da Europa, sob o poder daquêles gananciosos Habsburgos. A Igreja e a França, concluia êle, irremediavelmente perdidas... No fim Richelieu fazia uma exposição genial dos seus projetos. Intercalava palavras sôbre os interêsses da Igreja, para melhor convencer o frade.

*Père Joseph* convenceu-se muito depois, quando viu a Espanha, por hostilidade à França, tornar impossivel a cruzada projetada e preparada contra os turcos. Até então, êle foi, junto a Richelieu, quem mais se esforçou por um entendimento entre a Espanha e a França.

Apesar daquela divergencia inicial, tantos pontos comuns existiam entre os dois homens que sempre êles formaram como um bloco. Na monumental e exaustiva HISTOIRE DU CARDINAL DE RICHELIEU, Gabriel Hanotaux observava, referindo-se ao Cardial e ao capuchinho: *Nous ne savons si l'on rencontrerait dans l'histoire une pareille compénétration des pensées entre deux personnalités si fortes.* (1)

(1) Gabriel Hanotaux, HISTOIRE DU CARDINAL DE RICHELIEU, v. 4.º, p. 84.

O capuchinho compreendeu que, de todos os políticos francêses de então — em sua maioria, fracos, egoístas e mediocres, Richelieu era o unico que poderia restaurar a França, extirpando-lhe os quistos calvinistas que se multiplicavam e sujeitando ao Rei os nobres que sustentavam «já não ser tempo do Rei, mas dos Principes.» Compreendeu isso e, de acôrdo com aquella maxima talvez escrita por êle mesmo, resolveu sacrificar todos os seus interêsses pelos do senhor. Entregou-se de corpo e alma à execução da politica cardinalicia.

Foi o chefe da propaganda, o ministro do exterior e o organizador da espionagem. A diplomacia, o serviço secreto e a publicidade estavam nas suas mãos.

Desde moço, ainda Barão de Maffliers, *père Joseph* se mostrava homem de côrte, fino e de conversação atraente. Gabrielle d'Estrées, encantada com êle, chamáva-o o *Cicero da França*. *Père Joseph* tinha horror às mulheres que não seguiam o serviço de Deus como religiosas, mas mostrava-se sempre um *gentleman*. Os nobres sentiam-se à vontade com êle, era "um de nós", pertencia à mesma classe. Sabia falar e, os nobres não se aperceberam disso, sabia calar. Tinha excepcionais qualidades de diplomata: era firme, sagaz, gentil e de maneiras humildes. O Duque de Bouillon, um protestante terrível, com o qual *père Joseph* fôra negociar a paz de Loudun, dizia do frade: «Esse homem descobre os meus pensamentos mais intimos; sabe do que eu digo a poucas pessoas da minha absoluta confiança; vai à cidade de Tours e volta, andando a pés, na chuva e na neve, durante o mais rigoroso inverno, sem que ninguem o possa espionar. Eu creio que o diabo deve estar no couro desse frade». E o tratado de paz de Loudun terminou como *père Joseph* queria.



PÈRE JOSEPH

DE UMA GRAVURA DE MICHEL LASNE

Era também sua tarefa, em linguagem atual, "dirigir" a opinião pública. Eram "seus" o MERCURE DE FRANCE e a GAZETTE DE FRANCE. Tinha ainda um serviço organizado para redação e distribuição de panfletos e "libelos". A publicidade oral não fôra esquecida. Nas côrtes e nas sacristias, o capuchinho instalou os seus centros de "intrigas" e "contra-intrigas". Sabia de "tudo" e de "tudo" dava conhecimento ao Cardial. Sabia do que se passava na França e fóra da França. O ouvido do frade silencioso surpreendia os segredos da Côte d'Espanha, os planos dos protestantes ingleses, as conjuras dos principes da França, os enredos da camarilha de Maria de Medicis. Tudo chegava aos ouvidos de Tenebroso-Cavernoso.

Em La Rochelle o serviço secreto de *père Joseph* foi da maxima eficiencia.

La Rochelle era o exemplo e o simbolo da resistencia ao Rei. Aparecia aos olhos de todos como inexpugnável. Os huguenotes, certos do auxilio da Inglaterra, desafiavam a corêa que, sem frota, não lhes podia impedir o abastecimento pelo mar. La Rochelle era um Estado dentro do Estado. Richelieu sentia o perigo interno daquêle nucleo calvinista. Os principes viam com simpatia qualquer enfraquecimento do poder real. A tomada de La Rochelle seria a dispersão de todos os centros de resistencia. Bassomprières, um dos nobres e um dos chefes militares do Rei chegou a dizer: *Nous serons si fous que nous prendrons La Rochelle.*

Richelieu nunca foi homem de contentar-se com meias vitorias e, em La Rochelle, como em muitas outras ocasiões, êle arriscou tudo por tudo. Enfrentou o problema militar. Envolveu a cidade por terra, e estendeu mar a dentro um dique (na época, obra formidável de engenharia) a-fim-de fechar praticamente o pôrto da

cidade rebelde. Ambrosio Spinola, famoso capitão genovês, ao serviço da Espanha, maravilhado com aquela obra gigantesca e dispendiosissima, felicitou o Cardial por ter resolvido o problema militar de La Rochelle, pela unica forma eficaz, que era *abrir la mano y cerrar el puerto*.

*Abrir la mano* era para Richelieu uma das formas imprescindiveis de resolver os problemas politicos. Sem dinheiro, achava êle, poucas coisas se resolvem. Quanto às suas tropas, êle tinha por principio que *la solde est l'âme du soldat et l'entretien de son courage*.

Os construtores do dique, os militares, os espiões, todos eram regiamente pagos. Muitas informações custaram a *père* Joseph pesadas quantias. O pobre do frade teve de multiplicar-se nos longos mêses do cerco de La Rochelle. Precisava ter os olhos em La Rochelle, na Inglaterra e em Paris onde Maria de Medicis procurava indispor o Rei contra o Primeiro Ministro. Não só vigiar, mas tambem contra-atacar. O serviço secreto de Tenebroso-Cavernoso não se limitava a captar informações, possuia, tambem, a secção de espalhar noticias, de cobrir o campo inimigo com a fumaça de boatos favoraveis ao Cardial e às suas empresas. Para o frade (até onde chegou o pobre frade!) *similia similibus curantur*, a intriga curava-se com a intriga, a falsa noticia com outra falsa noticia em sentido contrario. Onde não se podia manter o *cosmos* cardinalicio, implantava-se o *caos* josephiano. Até á côrte inglêsa, na hora de preparar expedições para o continente, chegavam noticias perturbadoras. Dentro de La Rochelle, agentes secretos iam desgastando a resistencia moral dos sitiados. Os problemas de govêrno eram, alí,



insidiosamente exasperados. Na hora oportuna começaram a surgir incêndios misteriosos. Até a casa do governador da cidade pegou fogo. (1)

Aquêles meses terríveis, *père* Joseph contava como dos piores da sua vida. Um verdadeiro inferno—dizia êle. Até nos conselhos de guerra tomou parte, opinando nos assuntos de estratégia e tática. Chegou mesmo a apresentar planos. *Brilliant Schemes*, chama-os Huxley.

Certa vez, a vontade ferrea de Richelieu quiz vergar, e o capuchinho o sustentou.

La Rochelle rendeu-se. Estava garantida a unidade francesa. *Todo poder ao Rei*, não era somente uma fórmula, daí em diante foi um preceito.

Como em La Rochelle, em todas as suas outras empresas o Cardinal tinha em *père* Joseph o seu apoio. *Mon appui, où est mon appui?*

Esse *père* Joseph a quem Aldous Huxley dedicou um livro sugestivo e forte, é uma figura "atualíssima".

Huxley tinha razão: a estrada palmilhada pelo capuchinho levava-o a Agosto de 1914 e a Setembro de 1939.

ARNOBIO TENORIO VANDERLEI



(1) Gabriel Hanotaux, op. cit., v. 3.º, p. 176.

# CAETANO DA SILVA

CALIGRAFO E DECORADOR DE LIVRO (1)



OMUNIDADES e associações religiosas conservaram aqui preciosos volumes, que irão permitir um estudo do livro pernambucano no período anterior à instalação da nossa indústria tipográfica.

Alguns desses manuscritos foram feitos por simples imitadores ou habilidosos. Interessam, contudo, porque fixam as variadas influencias. Outros documentam a atividade dos nossos primeiros “mestres de livro” e já apresentam certa feição local.

Numa coleção, bem caracterizada, de missas e de canticos está indicado o autor: Caetano da Silva, Cônego da Sé de Olinda.

Todos os volumes foram escritos com a letra que figura nos compêndios de caligrafia com o nome de *antiga* ou *redonda de livros*. Letra *antiga* no sentido de anterior ao desenvolvimento da *cursiva*—forma que se acentuou depois da invenção da imprensa.

A imprensa, como bem observa Cotarelo y Mori, (2)

(1) Notas para um estudo sobre ARTE E INDUSTRIA DO LIVRO EM PERNAMBUCO.

(2) *Diccionario biografico y bibliografico de calligrafos españoles*. Tomo I, pag. 8.

não veio prejudicar a escrita a mão. Deixou apenas sem ocupação o copista, o homem máquina, o que reproduzia sempre com as mesmas letras as mesmas coisas. Fazendo conhecer a necessidade de uma lei de uniformidade para a letra, a imprensa provocou o aparecimento dos calígrafos.

Desde cedo a letra tipográfica foi se distanciando da escrita a mão. Na tipografia, além da elegancia, restava somente assegurar a facilidade da leitura. Na escrita era necessario ainda conseguir a facilidade do traçado.

A letra antiga, feita a varios golpes, lenta e difficil de aprumar, foi então condenada pelos calígrafos. Dominou na escrita a letra cursiva, travada e enriquecida pelos rasgos.

Os livros de Caetano da Silva, feitos numa época em que a arte caligráfica já tinha atingido o mais alto grau de perfeição, se assemelham contudo aos livros impressos.

No momento nenhuma tipografia funcionava em Pernambuco. O calígrafo era chamado a executar o serviço que mais naturalmente cabia ao tipógrafo.

A *Missa in nocte Nativitatis*, oferecida ao Bispo Dom Francisco Xavier Aranha, em 1759, é provavelmente o primeiro livro de Caetano da Silva. O ultimo conhecido—*Supplementum ad Epitomem Choralem*—indica o anno de 1774.

Nesse longo período, nenhuma modificação importante se processou no traçado de suas letras. A parte de texto de todos os seus livros lembra, assim, o trabalho de officina tipográfica dotada apenas de uma familia de tipos.

No desenho das letras Caetano da Silva logo se denuncia. Elle não sente atração pelas formas simples e

puras. Sua noção de beleza é primitiva. Cheia de crença no valor do adorno e do modismo.

Nas edições correntes em sua época êle não apreendeu o talhe seguro das maiúsculas nem o equilibrio architectonico dos frontispicios. Preferiu estudar as iniciais de começo de capitulo. Entre essas iniciais e as suas maiúsculas ha evidente parentesco.

A distancia entre as letras, as palavras e as linhas varia muito nas paginas de Caetano da Silva. Em geral, êle é descurado nas paginas simples e caprichoso nas paginas decoradas. Todo o seu cuidado está concentrado na decoração do livro. Parece mesmo que a decoração é a sua verdadeira especialidade.

Na pagina 24 do livro de GASTOS DA SACRISTIA, do Mosteiro de São Bento, de Olinda, ha a seguinte nota de despesa, feita no ano de 1766: *Por dinheiro ao Conego Caetano, pelas 62 letras grandes do livro novo dos Canticos, e missas da Senhora—a 30 réis cada uma—18860.* Provavelmente algum monge cuidadoso tinha copiado a parte de texto.

As iniciais aparecem, quasi sempre, no meio de ornatos, flôres ou paisagens. Algumas composições de flôres chegam a surpreender pelo equilibrio e pela graciosa ingenuidade. Na maioria das paisagens, Caetano da Silva parece preocupado, seguindo a tradição dos "livros de horas", em fixar aspectos locais.

Decorando uma das iniciais da pagina 20 da *Missá in festo gaudiorum B. V. M.* ha um trecho muito facil de reconhecer: o oitão da matriz de Muribéca, deixando vêr no fundo do terreno ondulado uma casa que ainda hoje conserva o velho aspecto. Nas outras iniciais desse livro vão aparecendo capelas humildes, casas de trabalhadores, arvores, pedreiras e até um homem vestido de um geito que ainda lembra o traje português.

O desenho às vezes é absolutamente ingenuo, mas transmite o ambiente dos arredores de Jaboaão e Muribéca. E ainda mais: revela uma sensibilidade voltada para a vida do povo, uma compreensão de que a beleza, mais do que em certos palacios, se encontra no imprevisto de casas modestas, jogadas nas flutuações do terreno.

Tudo indica que Caetano da Silva foi o primeiro desenhista que se preocupou com esses pormenores da paisagem pernambucana.

A diversidade que existe entre as iniciais ainda mais se acentua nas molduras de pagina. Alguns motivos foram colhidos, então, nos altares, nas obras de talha, nas pinturas de fôrro. Mas raramente o Conego respeita a severidade das composições barrôcas ou rococós. Ao conjunto de formas estilizadas não hesita em acrescentar ramos, flôres ou festões, desenhados com intenção de realismo.

O desenho da pagina inicial do Canon da Missa incompleta, pertencente ao Seminario de Olinda, até na maneira de contornar e sombrear, está impregnado de sugestões dos nossos painéis de azulejo.

Sempre muito sobrio no emprego de côres, raras vezes Caetano da Silva iluminou as suas paginas. Talvez por influencia dos livros impressos. Na iluminura das armas do Bispo Dom Xavier Aranha, deixou prova, entretanto, de que conhecia até mesmo o processo de aplicação da folha de ouro.

JOSÉ MARIA C. DE ALBUQUERQUE

---

Assentamentos muito interessantes sobre o Conego Caetano foram encontrados no arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda pelo atual Abade D. Bonifacio Jansen.

Assim, no LIVRO DA MORDOMIA—ano 1759: «*Mimo*—por duas arrobas de biscoitos para mimo ao R. Conego Caetano pella missa nova que fez para o dia de S. Bento 5\$760 ». Infelizmente não existe mais este livro da “missa nova”.

Ano 1775—Fevr.º—«Vinho—por vinho para o Conego Caetano \$040. 1775 nov.º 14, terça feira: Almosso—por que se gastou no almosso do Officio do Conego Caetano dozentos e secenta reis \$260 ».

No livro dos GASTOS DA SACRISTIA em 1761 «Por tintas, ouro, e cam..... para as quatro taboas dos casos reservados, Indulgencias 1\$280. Por tres onças de verniz para as mesmas taboas \$460 Por dinheiro ao Conego Caetano pelas sessenta e duas letras grandes no Livro novo dos Canticos, e missa da Senhora a trinta reis cada 1\$860 ».

Das quatro taboas das Indulgencias ainda restam duas, que se acham na Capela Abacial.

Pelo registo feito na terça feira, 14 de novembro de 1775, verifica-se que naquêlê mês e ano faleceu o Conego.

No Mosteiro de São Bento de Olinda deixou o Conego Caetano os seguintes livros:

MISSA IN FESTO GAUDIORUM B. V. M.—1764—109 pags.

PASSIONARIUM—1771—106 pags.

EPITOME CHORALIS—1773—172 pags.

SUPPLEMENTUM AD EPITOME CHORALEM—1774—93 pags.

MISSA DE DEFUNTOS (incompleta)—66 pags. (faltando até o Offertorio).

BENEDICTIONES CANDELARUM, CINERUM, PALMARUM, & NOVI IGNIS—s. d.—136 pags. e 1 fl. de Index.

No Seminario de Olinda:

MISSA IN NOCTE NATIVITATIS D. N. J. C.—1759—92 pags.

MISSA DOMINICAE RESURRECTIONIS—1760—98 pags.

VESPERAL (sem frontispicio)—223 pags.

MISSA (incompleta)—46 pags.

Na Igreja de São Pedro dos Clérigos:

INTROITUS DIVERSARUM MISSARUM—s. d.—200 pags.

Confrontando-se as datas dos assentamentos, 1759-1775, vê-se

que durante dezeseis anos fez livros de missas e de canticos, podendo-se admitir que naquele periodo tenha sido autor de mais alguns outros desaparecidos, como a "missa nova" de São Bento.





CANON  
MISSÆ.



E igitur  
clemen  
tissime Pater, per  
Jesum Christum  
Filium tuum Do  
minum nostrum  
supplices roga







CANON  
MISSE

**T**E igitur,  
clementi-  
sime Pater, per  
Jesum Christū  
Filium tuū Do-  
minum nostrū  
supplices roga-  
mus, ac petimus





VESPERAL—*Armas do Bispo D. Xavier Aranha*





MISSA DE DEFUNTOS—Pag. inicial do Canon





IN FESTO  
GAUDIORUM  
BEATÆ V. M.

Introitus .



Alve, facta  
parens, eni  
xa puerpera Re  
gem, qui coelum  
terramque regit  
in sæcula sæculo  
rum. alleluia, al  
leluia. Pf. Eructa



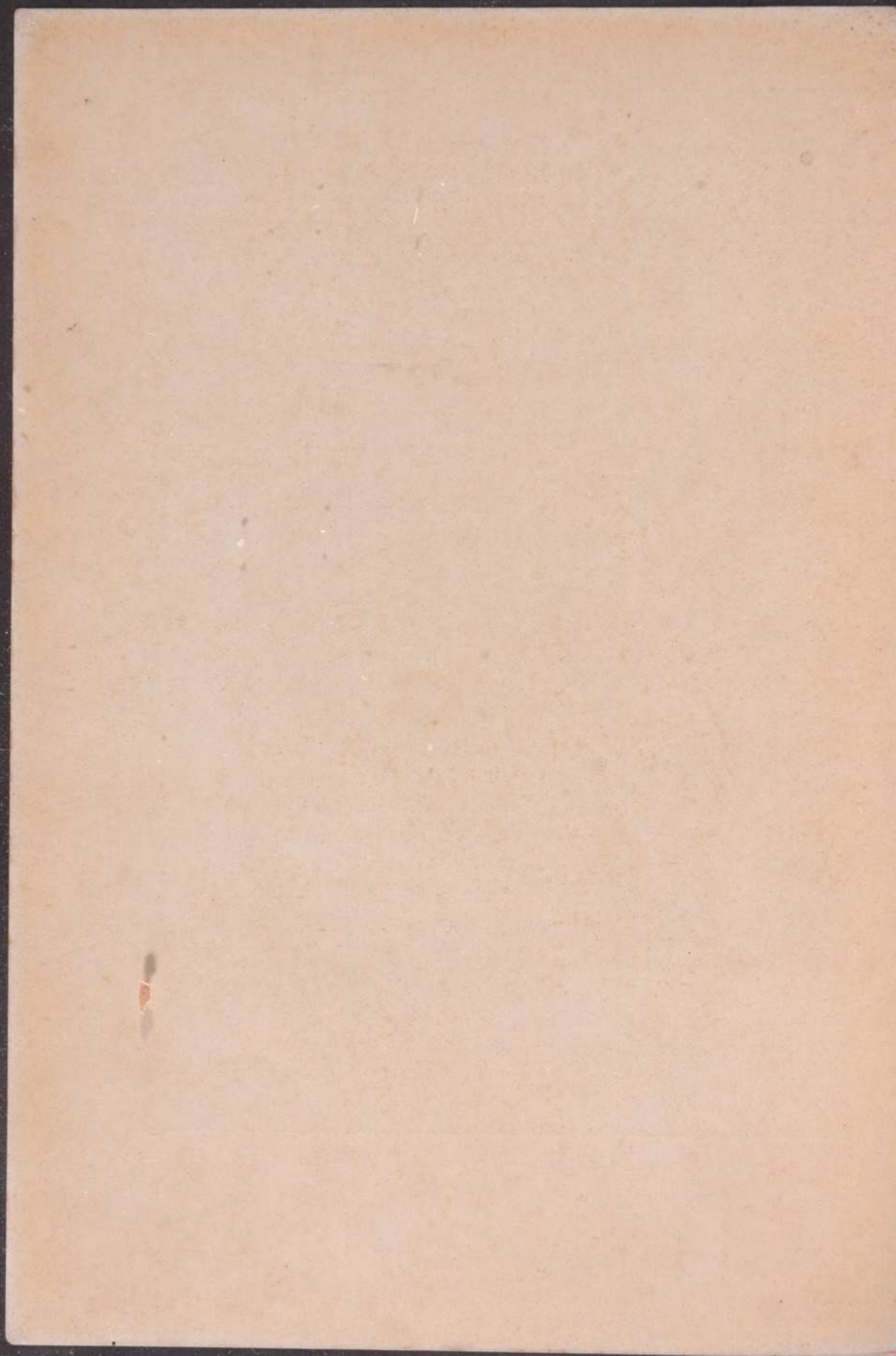


IN FESTO  
SS. Patris nostri  
BENEDICTI  
Ad Vesperas.

R. D. ABBAS sonora  
voce intonat.

**D**Eus in adju-  
torium me-  
um intende.

¶ Domine ad ad-  
juvandum &c.



## ANTONIO NOBRE



DESCOBRI o *Só* de Antonio Nobre mais ou menos ao mesmo tempo em que, influenciadíssimo pelo *Au Jardin de l'Infante* de Albert Samain, vivia tentando transplantar para uns sonetos de adolescência—menos do que adolescência, infância—outonais alamêdas de ciprestes com repuxos ao fundo de suas longas e sonolentas perspectivas.

Hérédia, Leconte de Lisle—os parnasianos, enfim—lidos um pouco antes, por obrigação de aula, numa antologia de *chefs-d'oeuvres* da literatura francesa, não haviam deixado a menor ressonância dentro de mim. Naquêl tempo, certamente, eu não sabia julgar que um Hérédia ou um Leconte de Lisle fôsem talvez grandes artistas e pequenos poetas. Mas sentia uma repulsa instintiva. O simbolismo, representado por Samain, trazia-me outra atmosfera. Nela, igualmente sem julgamentos de valôr estético ou de substância poética, o meu instinto noturno e naturalmente triste flutuava e se comprazia, recebendo o beijo frio da sombra, da solidão e do misterio.

Sim, adorava Samain quando descobri Antonio Nobre.

Sabia de côr e vivia declamando em voz alta (sem dúvida com uma pessima pronúncia francesa) o *Mon âme est une Infante en robe de parade / Dont l'exil se reflète, eternal et royal...* Ou esse (para mim inefavel) *Cette nuit tu prendras soin que dans chaque vase / Frissonne, humide encore, une gerbe de fleurs...*

Pois foi precisamente nesse periodo de entusiasmo simbolista que tive a revelação do *Só*. Esse livro me trazia a “minha” querida tristeza, o “meu” bem-amado desalento, mas tambem me trazia côr. E uma frescura, uma ingenuidade, uma infância a que eu, positivamente, não estava habituado.

Com as suas imperfeições técnicas (então apenas pressentidas), os seus metros às vezes mal ajustados, as suas rimas quasi sempre pobres, os seus sonetos frequentemente sem “chaves de ouro”, êle me transmitia em voz baixa, pela primeira vez, a lição de que um poeta pode, e mesmo deve, ser artista, mas que lhe é necessario, acima de tudo, ser poeta.

Não hesito em afirmar que devo, em grande parte, a Antonio Nobre—lido em tempo para mim já tão remoto!—o ter adquirido—digamos—com a maior precocidade isso que à falta de melhor definição chamamos uma sensibilidade poetica “moderna”. A outra lição, já não digo bem de “modernidade”, mas de um valôr poetico mais profundo, mais denso e mais permanente—ao lado de sua qualidade inegavelmente “artística”—recebi-a de um Mallarmé, de um Baudelaire, de um Rimbaud.

Raramente a “popularidade” (quando realmente existe) de um grande poeta corresponde às verdadeiras marcas, à significação real e profunda da sua poesia. Baudelaire, por exemplo. O que dêle “ficou”, para uma

consideravel maioria, foi o "brilhante", foi o "perverso". Fôram as "imagens", as "Venus creoulas", os "perfumes exóticos", os ... *On dirait un serpent qui danse au bout d'un bâton*, os ... *Pour peupler ce soir l'alcôve obscure / Des souvenirs dormant dans cette chevelure / Je la veux agiter dans l'air comme un mouchoir*. Numa palavra: toda a gente "gosta" do Baudelaire voluptuoso e requintado. Poucos sabem descobrir o Baudelaire atormentado pelo remorso e pelo pecado.

Entre nós, um Augusto dos Anjos é outro caso tipico, embora de menores proporções.

*Eu, filho do carbono e do amoniaco!* Sim, senhores, que verso!...

Um pouco assim a "popularidade" de Antonio Nobre. "Gostamos" dêle porque é muito infeliz, muito desgraçado, porque nos comove até as lágrimas. Ha tambem os que não gostam dêle precisamente por isso: por, causa da sua descontrolada choradeira.

Sem dúvida Antonio Nobre se deixa embalar, às vezes, pela eloquência de certas "frases", de certos rasgos ultra-patéticos, como ao dizer que esta vida é *uma Sexta-Feira de Paixão* ou ao compôr este soneto de "encher as medidas", com uma "chave de ouro" das mais retumbantes:

*Longe de ti, na cela do meu quarto,  
Meu copo cheio de agoirentas fézes,  
Sinto que rezas do Outro-mundo, harto,  
Pelo teu filho. Minha Mãe, não rézes!*

*Para falar assim, vê tu! já farto,  
Para me ouvires blasfemar, às vezes,  
Sofres por mim as dôres cruéis do parto  
E trazes-me no ventre nove mezes!*

*Nunca me houesses dado à luz, Senhora!  
Nunca eu mamasse o leite aureolado  
Que me fez homem, mágica bebida!*

*Fôra melhor não ter nascido, fôra,  
Do que andar, como eu ando, degredado,  
Por essa Costa-d'Africa da Vida!*

Não acho, porém, que a verdadeira poesia de Antonio Nobre—do grande poeta Antonio Nobre—palpite nessas frases mais ou menos de “efeito”, nesses instantes de tristeza intencional, nesse desalento calculadamente “dirigido” para comover o leitor. Não é aí que o autor do *Só* verdadeiramente nos emociona. Nunca êle foi mais triste, mais “só” e mais poeta do que, precisamente, nos momentos sem “oratoria”, nas suas horas de abandono às alegrias ingenuas, simples e quotidianas, quando as pequenas coisas que nos cercam são motivos de encantamento e “transfiguração” para as sensibilidades realmente poeticas. Nesses momentos Antonio Nobre se assemelha ao dôce André Lafon, para quem, nas palavras comovidadas de Mauriac, ...*la servante existait, l'ouvrage de broderie existait, la table, la soupière fumante, le pain et le vin existaient.*

Vejam estas maravilhas:

*Agua fria de Trás-os-Montes  
Que faz sede só de se ouvir!*

.....

*Oh! ingenuas mezas honradas!  
Toalhas brancas, marmeladas,  
Vinho virgem no copo a rir...  
O “cuco” da sala cantando...*

(Mas o Cabanelas, entrando,  
Vendo a hora: "É preciso partir.")

Ou então este belíssimo soneto:

*Ó Virgens que passais ao Sol-poente  
Pelas estradas êrmas, a cantar!  
Eu quero ouvir uma canção ardente  
Que me transporte ao meu perdido Lar!*

*Cantai-me nessa voz onipotente  
O Sol que tomba aureolando o Mar,  
A fartura da seara reluzente,  
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!*

*Cantai! cantai as limpidas cantigas!  
Das ruínas do meu lar desaterrai  
Todas aquelas ilusões antigas*

*Que eu vi morrer num sonho, como um ai...  
Ó suaves e frescas raparigas,  
Adormecei-me nessa voz... Cantai!*

Agudamente poeta, Antonio Nobre soube, como poucos, "ver" e amar uma paisagem, soube, como poucos, penetrar-se do seu misterio.

Nunca é demais louvar os amorosos das paisagens. Apenas alguns escolhidos, entre os quais os poetas, receberam o privilegio do transe diante de certos crepusculos e de certos luars. Os brutos, os mediocres, ou os homens apressados, euforicos, "ativos", "eficientes"—tambem os demasiada e tristemente "intelectuais"—não sabem o que é isso. Penso muitas vezes na possibilida-



de, para mim dramatica, de existir em qualquer parte do mundo uma criatura imensamente desgraçada que nunca despertou cedo e nunca pôde vêr o nascimento do dia—instante solenissimo que reproduz, de 24 em 24 horas, o milagre da criação, o misterio indizível e inicial das formas emergindo do cáos e da Noite. Na paisagem estão as marcas de Deus e as marcas do homem. A sua beleza, a sua doçura são o reflexo longinquo de uma Presença, o signo secreto da Fáce. Do homem—do seu pecado—outras assumiram a desolação ou o desespero. Os poetas pressentem que existe e palpita um signo em todas as coisas que os rodeiam. Chesterton expressou-o admiravelmente nestas palavras: *Every stone or flower is a hieroglyphic from which we have lost the key.*

Sim, perdemos a “chave”, mas os poetas sabem ao menos vislumbra-la de longe, atravez de uma cortina de gaze ou de fumaça.

Antonio Nobre foi dos que souberam contemplar uma paisagem:

*Moinhos de vento! Eiras! Solares!  
Antepassados! Rios! Luares!  
Tudo isso eu guardo, “aqui” ficou.  
Ó paisagem eterea e dôce,  
Depois do ventre que me trouxe,  
A ti devo eu tudo que sou!*

Com que alegria e deslumbramento, sem cessar renovados, êle amava correr

*Por essa terra doida fóra,  
Cheia de Côr, de Luz, de Som...*

E vêm as belíssimas evocações do poema *Lusitania no Bairro Latino*, que seria preciso transcrever integralmente. E vem o grito ansioso:

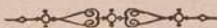
*Qu'ê dos Pintores do meu paiz estranho,  
Onde estão êles que não vêm pintar!*

Extases ainda mais longos e fundos, transe ainda mais solenes podem ser encontrados nos seus versos:

*Outono. O Sol, qual brigue em chamas, morre  
Nos longes d'agua... Ó tardes de novena!  
Tardes de sonho em que a poesia escorre  
E os bardos, a cismar, molham a pena.*

A mensagem de Antonio Nobre é uma mensagem individual de poesia. Não é do "seu tempo". Não reflete qualquer tendencia coletiva. Não traduz qualquer "estado de espirito" que porventura estivesse preocupando a época em que foi produzida ou as inteligencias de seus contemporâneos. Não tem data. A sua marca essencial é a da propria sensibilidade que a transmitiu.

WILLY LEWIN



A REVISTA DO NORTE, dirigida por José Maria C. de  
Albuquerque, está registada no Departamento de  
Imprensa e Propaganda.

9

O desenho que figura na capa do presente numero foi ex-  
traído de uma inicial da MISSA IN FESTO GAUDIORUM  
B. V. M., de autoria do Conego Caetano da Silva.

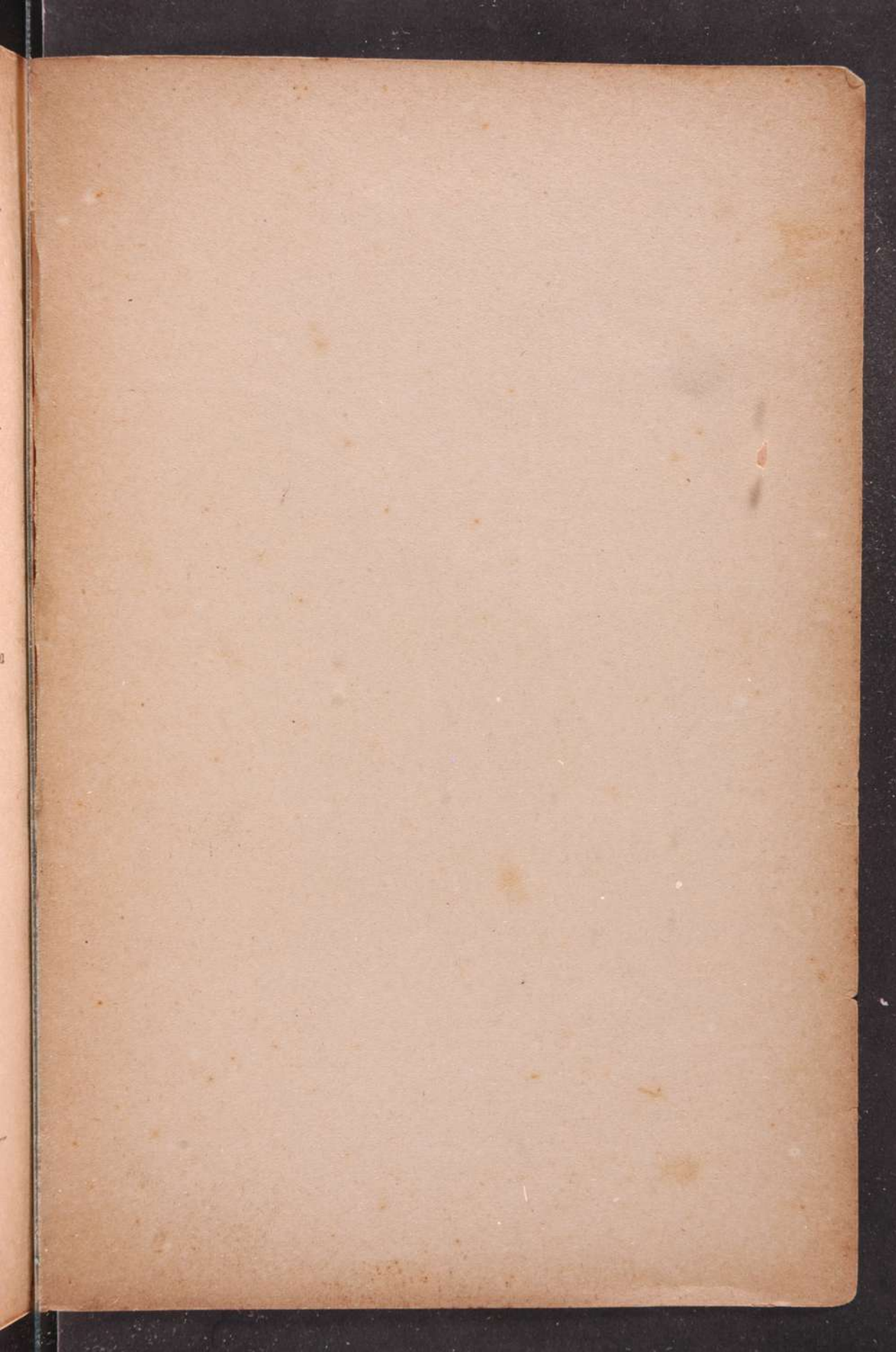
9

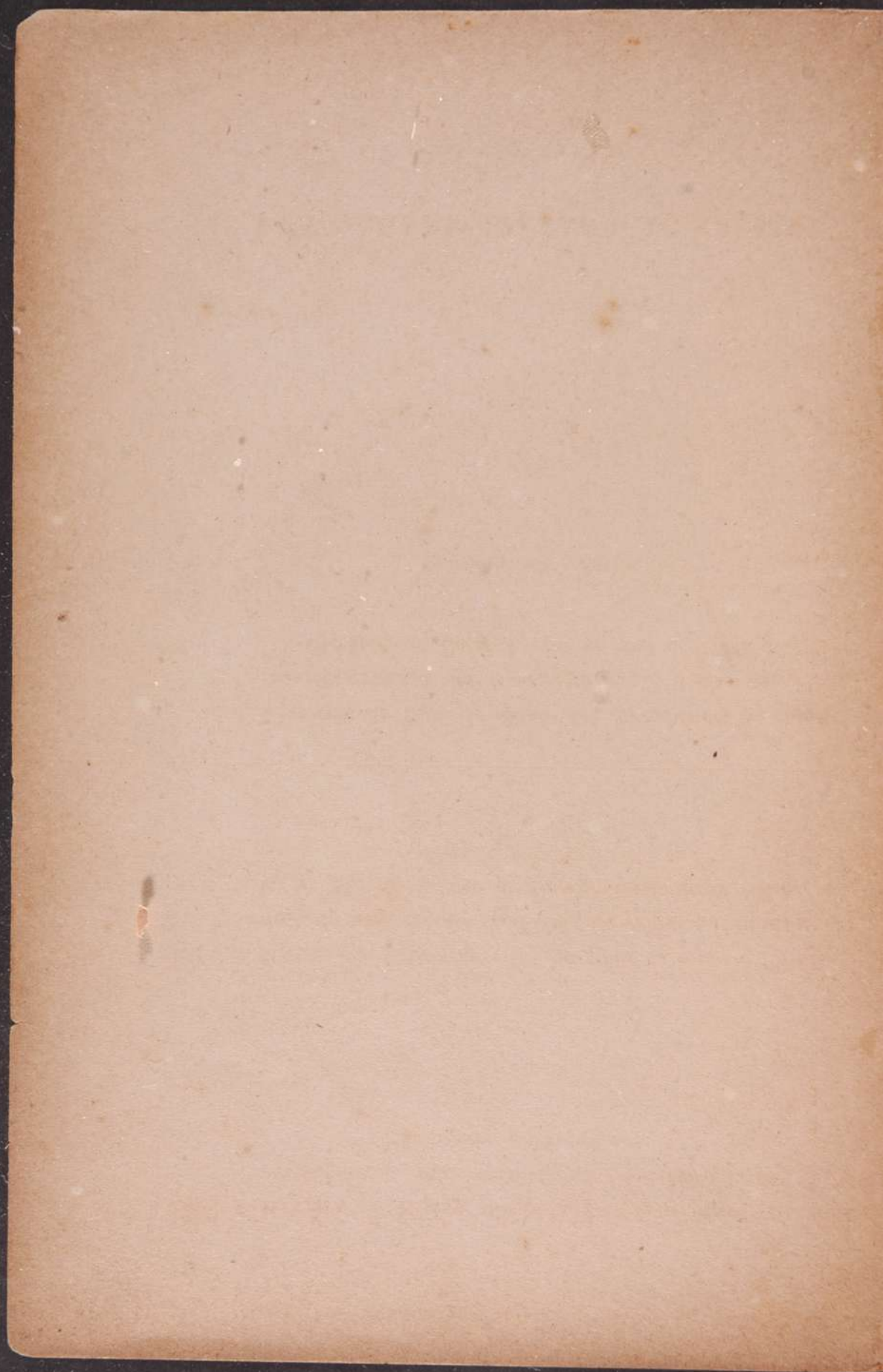
A invocação ao Espirito Santo foi reproduzida da copia  
do compromisso da Irmandade de S. Pedro dos  
Clérigos, do Recife, feita no ano de 1780.

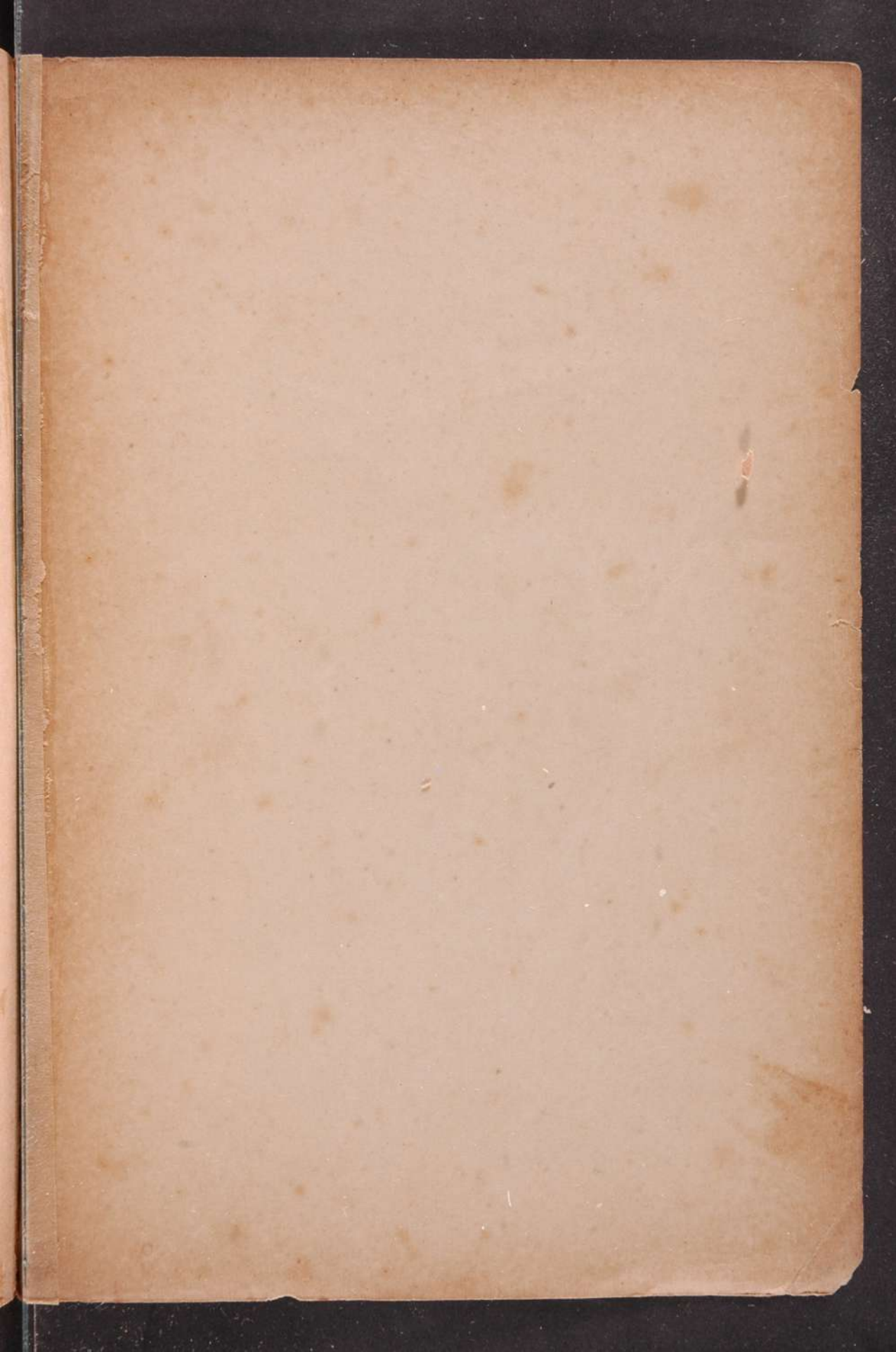
Numero avulso: 5\$000.

9

RUA MANUEL CAETANO, 74. RECIFE.







P-3869

Q53

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)